



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**JORNALISMO**

**POR QUE UM JORNALISTA SE TORNA ESCRITOR?**  
**– TRÊS GERAÇÕES PARA ESTUDO DE CASO**

**DANIEL DE LIMA FRAIHA**

RIO DE JANEIRO

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**JORNALISMO**

**POR QUE UM JORNALISTA SE TORNA ESCRITOR?**  
**– TRÊS GERAÇÕES PARA ESTUDO DE CASO**

Monografia submetida à Banca de Graduação como re-  
quisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**DANIEL DE LIMA FRAIHA**

**Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz**

RIO DE JANEIRO

2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Por que um jornalista se torna escritor? – três gerações para estudo de caso**, elaborada por Daniel de Lima Fraiha.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profª. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. William Dias Braga  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa  
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

## FICHA CATALOGRÁFICA

F812

Fraiha, Daniel de Lima

Por que um jornalista se torna escritor?: três gerações para estudo de caso / Daniel de Lima Fraiha. Rio de Janeiro, 2013.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Rego Monteiro da Luz.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Jornalismo, 2013.

1. Jornalismo e Literatura. 2. Escritores brasileiros. 3. Jornalistas.  
I. Luz, Cristina Rego Monteiro da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

CDD: 070.4

FRAIHA, Daniel de Lima. **Por que um jornalista se torna escritor? – três gerações para estudo de caso.** Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as motivações de jornalistas ao decidirem escrever livros, a partir do perfil de três profissionais de gerações diferentes da história recente da imprensa brasileira. Todos os três nomes escolhidos para compor a pesquisa destacaram-se como repórteres nos meios de comunicação nacionais e também marcaram posição no campo editorial. Para representar a geração mais antiga, que compreende o período iniciado na década de 50, será analisada a trajetória do jornalista José Louzeiro, nascido em 1932. A segunda geração retratada na pesquisa envolverá o repórter e escritor Caco Barcellos, nascido em 1950. Para representar a terceira geração estudada, Arnaldo Bloch foi o escolhido, tendo ele nascido em 1965. A pesquisa busca compreender suas motivações – profissionais ou familiares – em direção aos livros.

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais, por terem dado tudo de si para que nunca me faltasse nada;*

*À minha mãe, por ter me ensinado a ser quem eu sou e a acreditar na integridade, mesmo quando tudo indicava o oposto;*

*Ao meu pai, por me ensinar a rir mesmo quando não tinha graça;*

*À Marianna, por compartilhar sonhos, angústias, alegrias e vida;*

*Às minhas avós, que, às suas maneiras, mostraram que sempre vale a pena;*

*Aos grandes amigos, que sempre estiveram presentes nos momentos importantes.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Marianna, por ser minha companheira em todos os momentos, entendendo minhas ausências e me ajudando nas minhas dificuldades, além de sempre estar disposta a me distrair e me animar, dando-me força ao passo seguinte.

Agradeço aos meus pais, por terem me apoiado todo tempo, dando ânimo e não se queixando da minha ausência.

Agradeço a minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Rego Monteiro da Luz, pelos ensinamentos, pela dedicação e paciência em me ajudar, além de toda amizade.

Agradeço a José Louzeiro, por ter me recebido em sua casa em pleno feriado do dia do trabalhador, para uma entrevista sem hora para acabar.

Agradeço a Arnaldo Bloch, pela disposição em conversar comigo, mesmo com a correria do trabalho na redação de O Globo.

Agradeço ao amigo Paulo da Luz, pelo entusiasmo e incentivo constante ao projeto.

# SUMÁRIO

## **1 INTRODUÇÃO**

## **2 JORNALISMO E LITERATURA: UMA INTERFACE HISTÓRICA**

### **2.1 Motivações de um jornalista-escriptor**

### **2.2 Limitações editoriais das redações**

### **2.3 Horizontes profissionais na era digital**

#### 2.3.1 A invasão das assessorias de imprensa

#### 2.3.2 Projetos pessoais

## **3 TRÊS GERAÇÕES PARA ESTUDOS DE CASO**

### **3.1 José Louzeiro – Paixão Bandida**

#### 3.1.1 Influência política

#### 3.1.2 Na linha do jornal

### **3.2 Caco Barcellos – Trovador da justiça**

### **3.3 Arnaldo Bloch – Debatedor judaico-africano**

## **4 CONCLUSÃO**

## **5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## **6 ANEXOS**



## 1 – INTRODUÇÃO

Ao longo da história do jornalismo, frequentemente os personagens que participaram e participam da rotina de trabalho em jornais e revistas passaram também às páginas de publicações editoriais, mas nem sempre pelos mesmos motivos. Essa proximidade entre os repórteres e literatos se configura como uma instigação ao passo adiante, rumo à literatura, ou são desejos pessoais que levam determinados profissionais de imprensa a ampliarem seus campos de trabalho? As limitações impostas pelas redações de jornais são motivações para que os jornalistas escrevam livros? Estas perguntas – como algumas outras referentes aos percursos dos jornalistas-escretores – farão parte da linha central da pesquisa.

O tema em questão foi escolhido em função da insatisfação e da descrença que tem se visto atualmente diante do jornalismo contemporâneo, muito criticado por vários setores da sociedade. A própria classe jornalística tem se mostrado pouco orgulhosa e esperançosa em relação à sua realidade.

As novas tecnologias implementadas na rotina de trabalho das redações de jornal, aliadas à rapidez exigida pelo mercado de notícias online, têm afetado profundamente a estrutura dos meios de comunicação, as ferramentas de trabalho, as relações de trabalho e as funções de cada profissional dentro dos jornais e revistas. Muitas inovações chegaram de maneira positiva, como a maior facilidade de acesso à informação e a possibilidades de interação antes inimagináveis. No entanto, houve também uma grande precarização da conduta de muitos jornalistas, que ora se deixam levar pela preguiça de fazer uma apuração mais detalhada e eficaz, ora são impossibilitados de avançar na direção da investigação bem feita pela escassez de recursos.

Com a crescente migração dos meios de comunicação para o mundo digital, o modelo de negócio do jornalismo está passando por grandes mudanças e readaptações, mas ainda não encontrou um ponto de equilíbrio. O resultado dessa trepidação é uma crise nos paradigmas da profissão, de modo que o trabalho diário de muitos jornalistas está sendo profundamente afetado.

Ao mesmo tempo, a quantidade de livros produzidos por jornalistas têm crescido bastante e muita gente passa a buscar a informação por meio deles, em um movimento que parece enfraquecer a credibilidade dos jornais e das revistas.

Em outros momentos da história, a publicação de livros escritos por jornalistas também cresceu bastante, como na ditadura militar, quando a censura imperava sobre os meios de

comunicação e muitos buscavam nos livros maneiras de obter o conhecimento e as informações que não vinham a público na imprensa diária e semanal – apesar de também haver censura sobre os livros.

No momento atual, a crise do digital está causando uma espécie de cisão entre a informação imediata e a análise e contextualização do assunto abordado. Esta segunda forma de enquadrar o jornalismo abre frente para a literatura, que lida com aspectos variados de um mesmo tema para que a narrativa possa ser criada.

A nova formulação do trabalho de repórteres, ainda em transformação, tem se deparado com uma nova realidade também em relação ao furo jornalístico, que tem deixado de ser uma conquista exclusiva de profissionais, já que todos têm câmeras e utensílios capazes de registrar momentos importantes e flagrantes. O “fim” do *furo* vem junto à dissolução de algumas fronteiras profissionais, derrubadas também por influência do digital, que gerou a possibilidade de pessoas e marcas se tornarem canais de comunicação direta com públicos determinados.

O livro hoje em dia pode ser fruto também deste cenário, como resultado de um trabalho contínuo do jornalista que optou por trilhar uma trajetória autônoma, através de um blog, um website ou algo do tipo.

O trabalho buscará compreender as motivações surgidas ao longo da vida dos três personagens escolhidos, de modo a tentar compreender quais são as influências, as inspirações, as indignações, as dúvidas, enfim, as razões para que jornalistas se tornem escritores. Para isso, a trajetória de três jornalistas-escritores será analisada. Cada um deles faz parte de uma geração diferente. O primeiro deles, José Louzeiro, nasceu em 1932 e começou a trabalhar em 1948. O segundo, Caco Barcellos, nasceu em 1950 e iniciou a carreira em 1972, enquanto o terceiro, Arnaldo Bloch, é de 1965 e começou sua trajetória profissional em 1986.

A metodologia do trabalho envolverá pesquisa bibliográfica, utilizando registros de jornalistas que marcaram posição tanto na imprensa convencional quanto no mercado editorial, como Ricardo Kotscho, Miriam Leitão e Elio Gaspari, além de alguns casos de jornalistas-escritores estrangeiros, como Ernest Hemingway, Truman Capote e Joseph Mitchell. Estes serão utilizados como análise de formas, estilos e influências do jornalismo na literatura e vice-versa. Na pesquisa a respeito da interação entre jornalistas e escritores, o livro “Pena de Aluguel – escritores jornalistas no Brasil 1904-2004”, de Cristiane Costa, que aborda de maneira vasta a histórica interface existente entre repórteres e escritores, é uma referência importante. Costa registra que a partir da década de 50 o jornalismo passa por uma transformação

crecente, rumo à profissionalização do trabalho e das estruturas dos meios de comunicação. Com essas mudanças, os escritores começam a se afastar do interior das redações e criar caminhos alternativos, antes muito ditados pela participação na imprensa.

Neste trabalho, os escolhidos vivenciam o momento historicamente posterior a essa profissionalização do jornalismo, no entanto também se tornam escritores. A pesquisa buscará analisar as motivações dos três personagens, as influências dos meios e das circunstâncias em que viveram e vivem.

As entrevistas realizadas com jornalistas escritores sobre suas razões para uma incursão na literatura foram fundamentais para a monografia, além da coleta de informações em palestras realizadas por repórteres que também se introduziram no meio literário e artigos publicados sobre as questões relacionadas aos temas abordados.

Duas entrevistas exclusivas realizadas para o trabalho serão utilizadas. Uma delas com o jornalista, dramaturgo e escritor José Louzeiro, que conta sua trajetória desde o nascimento e o início de carreira no Maranhão até a fase atual, contabilizando mais de 40 livros publicados e 10 roteiros para cinema. A outra, com o jornalista e escritor Arnaldo Bloch, aborda sua iniciação no mundo das letras, a influência do império de comunicação que a família detinha, e a necessidade, ao longo da carreira, de buscar um texto próprio, que o identificasse.

O levantamento de dados para o perfil de Caco Barcelos foi ao mesmo tempo prejudicado e auxiliado por sua notoriedade como profissional de televisão. A agenda apertada impossibilitou a realização de uma entrevista presencial com o repórter e escritor. No entanto, mais de 10 entrevistas concedidas por ele ao longo dos anos, a diferentes órgãos de imprensa, como as revistas *Veja*, *Quem*, *Trip*, *IstoÉ* e *TPM*, o jornal *Folha de S. Paulo* e ao médico e apresentador Dráuzio Varella, permitiram que, juntamente com a leitura de suas obras, sua trajetória fosse biograficamente contextualizada.

Os perfis de Arnaldo Bloch e José Louzeiro também receberam reforços de informações provenientes de entrevistas anteriores concedidas por eles ao longo de suas carreiras, algumas delas motivadas pelo lançamento de seus livros.

A monografia se inicia com uma análise da interface histórica entre o jornalismo e a literatura, que pode ser percebida tanto na imprensa nacional quanto na internacional.

O primeiro capítulo vai abordar essa relação entre as áreas do jornalismo e da literatura e tentará analisar algumas características encontradas na rotina dos meios de comunicação que incentivem – mesmo que de maneira indireta – a inserção de jornalistas na literatura. O texto vai procurar entender as influências que a proximidade entre literatos e repórteres gerou

ao longo do tempo, tentando absorver relatos e depoimentos que corroborem com as questões impostas. Serão mencionados também alguns casos de veículos nos quais a fronteira entre o jornalismo e a literatura fica menos marcada. Estarão também identificadas neste capítulo limitações editoriais encontradas nos meios de comunicação como barreiras ao livre desenvolvimento do trabalho jornalístico.

Ainda no primeiro capítulo, a crise do digital e a invasão das assessorias de imprensa no *modus operandi* das redações são identificadas como fatores importantes a serem discutidos. Ambos são responsáveis por mudanças que afetaram bastante a realidade dos profissionais que trabalham em meios de comunicação. Por fim, o capítulo tratará dos projetos pessoais que muitas vezes estão por trás dos livros, como poderá ser visto nos estudos de caso.

O segundo capítulo está dividido em três partes principais, cada uma delas envolvendo um estudo de caso. A primeira parte está dedicada a José Louzeiro, que trabalhou na imprensa nacional em décadas permeadas por momentos políticos marcantes. O início de sua carreira se dá ainda antes do regime militar, no período pós-Vargas, em um pequeno jornal maranhense. Com apenas 22 anos, ele sai de sua cidade natal para o Rio de Janeiro, onde passa a maior parte da vida profissional.

A segunda parte abordará a trajetória de Caco Barcellos, que começa a trabalhar no jornal Folha da Manhã, do grupo Caldas Júnior, aos 22 anos, e aos 25 é demitido em função de arbitrariedades resultantes da ditadura e da censura. Dali em diante, seu percurso toma novos rumos, que o levam aos poucos à necessidade de desenvolver um trabalho mais comprometido com propostas que o mobilizam socialmente.

A terceira parte apresenta Arnaldo Bloch, que trilha um caminho bem diferente dos outros dois. Arnaldo inicia-se na profissão dentro do conglomerado de mídia que já fazia parte da sua família. Exatamente essa realidade, que lhe permitiria vislumbrar um grande futuro a primeira vista, foi também uma das maiores motivações de seus livros, autorais, gerados sob influência de questões existenciais e familiares.

As narrativas dos livros publicados pelos três jornalistas escritores são bastante distintas entre si, apesar de similaridades nas motivações em alguns momentos. Os três partem da perspectiva jornalística, mas, enquanto José Louzeiro entra para a literatura com o relato de circunstâncias com elementos dramáticos, característicos de romances, Caco Barcellos demonstra uma capacidade hercúlea de levantamento de dados, em narrativa próxima da literatura. Já Arnaldo Bloch circula entre a ficção e os livros-reportagens, mas em todas as suas publicações há uma forte relação com questões de identidade.

## 2 – JORNALISMO E LITERATURA: UMA INTERFACE HISTÓRICA

O jornalismo e a literatura têm uma relação de proximidade que vem de longa data, fruto de similaridades e desejos que muitas vezes se aproximam nos dois ofícios. Nomes como Ernest Hemingway, Gabriel García Marquez, Truman Capote, Euclides da Cunha, Eduardo Galeano, Graciliano Ramos, entre muitos outros, foram apenas alguns dos jornalistas escritores que entraram para a história após migrarem de uma atividade para a outra. Atuando ou não nas duas simultaneamente.

São atividades de natureza híbrida, cujos objetivos se fundem ao retratar momentos, desvendar mistérios, reverter injustiças, ou até preencher vazios existenciais, partindo das mais variadas formas, mirando os mais distintos alvos, mas com trajetórias intimamente ligadas pelos caminhos paralelos de atividades em jornais, revistas e através de publicações, dos livros e dos interesses das editoras.

O surgimento da técnica de imprimir em série gerou as duas indústrias. Com a reprodutibilidade industrial, o jornal passava a ser um meio viável para levar informações a todos que podiam ter acesso às publicações, interessando especialmente a comerciantes e tomadores de decisão, assim como a venda de livros poderia deixar de depender dos monges beneditinos<sup>1</sup> e se ampliar à escala comercial. Claro que tudo ao seu tempo e com a devida evolução necessária ao desenvolvimento de métodos e sistemas capazes de tornar real esse avanço. Mas o elemento fundamental para essa revolução havia sido encontrado.

No início da Idade Média, o problema havia sido a falta de livros, a escassez. No século XVI, foi o oposto. Um escritor italiano queixou-se em 1550 de que havia “tantos livros que não temos nem tempo de ler os títulos”. [...] Era um oceano no qual os leitores tinham de navegar, ou uma enchente de material impresso em que era difícil não se afogar. (BRIGGS & BURKE, 2006, p.27)

Da mesma maneira que a reprodução de informações em escala foi responsável por transformações significativas nas duas atividades, os motivos que levam indivíduos que se expressam pela escrita a passarem pelas redações de um jornal ou a desejarem assinar a capa de um livro são muitas vezes os mesmos.

---

<sup>1</sup> Os conventos beneditinos possuíam salas de copistas em suas bibliotecas, onde os monges reproduziam textos antigos e recebiam monges de outros conventos interessados em copiar obras para suas próprias bibliotecas. (ULLMANN, 2000, p.35).

O escritor e jornalista americano Ernest Hemingway começou sua trajetória ainda no ensino médio de sua vida escolar, no pequeno jornal estudantil *Trapeze*<sup>2</sup>, em que tratava de temas relacionados aos esportes. Dali até o prêmio Pulitzer em 1953 e o prêmio Nobel de literatura em 1954, foram anos de jornalismo e participação em guerras como correspondente internacional. Hemingway tinha suas críticas aos jornais, mas deixava claro seu reconhecimento pela experiência e pelo aprendizado que o trabalho na redação tinha lhe dado, assim como o tempo em que atuou como correspondente de guerra. Essa experiência como jornalista deu vazão a uma característica importante do escritor – a capacidade de observação do comportamento humano quando em estado de íntegra presença com seus atos, transmitido com uma narrativa “enxuta”. Hemingway ressaltava o aprendizado que a vida de jornalista havia lhe dado – boas ferramentas para sua literatura, como a obrigação de escrever frases simples e objetivas em determinados contextos.

Seu primeiro livro (1924, e depois, ampliado, 1925) com os tons definidos pela Grande Guerra e pelos massacres da Grécia, aos quais assistiu como jornalista, se intitula *In our time*, título que em si não nos diz muito, mas que se carrega de uma ironia crua se é verdade que queria relembrar um versículo do *Book of common prayer: Give peace in our time o Lord*. O sabor da guerra transcrito nos breves capítulos de *In our time* foi decisivo para Hemingway, como para Tolstói foram as impressões descritas nos *Relatos de Sebastopol*. [...] Mas não é por esse testemunho da realidade da guerra, por essa denúncia do massacre, que Hemingway mais nos interessa [...]. Hemingway compreendeu alguma coisa sobre como se está no mundo de olhos abertos e enxutos, sem ilusões ou misticismos, como se está sozinho sem angústias e como se está acompanhado melhor que sozinho: e, sobretudo, elaborou um estilo que exprime de forma completa a sua concepção da vida, e que se as vezes acusa os seus limites e vícios, pode em suas melhores produções (como nos contos de Nick) ser considerada a linguagem mais seca e imediata, a mais isenta de excessos e inchações, a mais limpidamente realista da prosa moderna. (CALVINO, 1993, p.236-238)

O início da carreira do escritor americano é um caminho comum a muitos outros jornalistas que partiram das páginas de um jornal para as de um livro, tanto no exterior, quanto no Brasil. Um dos casos clássicos na história nacional é o de Euclides da Cunha, cujo livro inicial, “Os Sertões”, foi escrito após acompanhar o conflito de Canudos a convite do

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.ernesthemingwaycollection.com/About-Hemingway/Ernest-Hemingway-Early-Years.aspx>. Acessado em: 15 de maio de 2013.

jornal O Estado de S. Paulo<sup>3</sup>. História similar à de Hemingway, que também escreveu sobre a guerra, guardadas as diferenças de estilo e de gênero entre os dois autores.

O escritor brasileiro Moacyr Scliar, cuja trajetória inclui passagens pelas crônicas de jornais, também destacou as influências que o trabalho do jornalismo traz para a literatura, em capítulo escrito para o livro “Jornalismo e Literatura – a sedução da palavra”, organizado por Gustavo de Castro e Alex Galeno.

Não sou mais o escritor que eu era quando me tornei colaborador de jornais. O que mudou? Várias coisas. Em primeiro lugar, aprendi a escrever de forma sistemática, com ou sem “inspiração” [...]. A segunda coisa que aprendi foi ser objetivo. No passado, os escritores se deixavam arrastar pelo texto, que não raro se tornava caudaloso, fazendo com que o autor simplesmente esquecesse de onde vinha e para aonde ia. O jornalismo mostra que a objetividade é essencial, que o negócio é ir direto ao ponto. (SCLIAR In CASTRO & GALENO, 2002, p.13)

A influência de uma área na outra é nítida em muitas obras, especialmente quando a realidade é a força motriz para um romance, ou quando vemos um relato que aproveita a estética literária ou elementos da literatura para dar força ao texto jornalístico.

No primeiro caso, podemos citar “Capitães da areia”, de Jorge Amado, que utiliza reportagens reais para compor o quadro de exclusão social dos personagens que retrata. Na segunda relação, um bom exemplo é o livro “Abusado: o dono do morro Dona Marta”, de Caco Barcellos, em que as descrições minuciosas e as cargas dramáticas impressas na narrativa assimilam características da literatura policial.

Essa relação íntima entre o jornalismo e a literatura também é fruto da convivência entre os personagens de cada área, já que ao longo da história repórteres e escritores frequentemente estiveram próximos – no local de trabalho ou nas amizades e nos relacionamentos interpessoais. As redações de jornais funcionavam como pontos de encontro para intelectuais e políticos de todo país, que buscavam ali estar a par dos fatos e estabelecer relações, mesmo que por interesses pessoais, na tentativa de influenciar os conteúdos que viriam a preencher as páginas que iriam às bancas no dia seguinte.

Essa imagem de cornucópia das letras e do poder atraía todo tipo de figura às mesas próximas das máquinas de escrever, ou às mesas do bar mais próximo do jornal. Em meio à circulação de homens e mulheres relevantes, é natural imaginar influências de todas as partes

---

<sup>3</sup> “New Journalism – a reportagem como criação literária”, da série Cadernos da Comunicação, produzida pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2003, p.33-37.

e em todas as direções.

A revista *Diretrizes*, fundada por Samuel Wainer na década de 40, foi um ambiente prolífico neste sentido, já que congregava boa parte da intelectualidade brasileira e também grandes nomes da literatura nacional. Alguns ainda despontavam, mas havia ali um núcleo de jornalistas e escritores que, talvez por aprendizado conjunto ou em função do convívio diário, gerou novos estilos, marcando o nome na história brasileira. O que os reuniu girava em torno de diversos fatores, mas todos tinham desejos e princípios que se aliavam. A intenção de combater injustiças, defender ideais e dar opiniões, características frequentemente encontradas em jornalistas, entrava em sintonia com aspirações literárias e artísticas. Em prefácio escrito para o livro de memórias de Samuel Wainer, Jorge Amado conta como foi parar na redação da revista e deixa claro o idealismo que agitava o ambiente.

Fui levado por Rubem Braga ao pequeno apartamento onde Samuel vivia com Bluma, sua primeira mulher: ali funcionava a redação da recente e indômita *Diretrizes*, fundada para derrubar a ditadura no Brasil e impedir a marcha do nazismo, que ameaçava o mundo com a guerra. A guerra, aliás, já havia começado na Espanha. [...] Colaboraram em *Diretrizes*, naquela primeira fase, os maiores nomes da literatura brasileira, e a redação se compunha de jornalistas de grande talento. (AMADO In WAINER, 2005, p.11)

Essa harmonia entre jornalistas e escritores é tão comum que deu origem a um movimento que interrelacionava as duas atividades nos Estados Unidos. O *New Journalism*, também conhecido como Jornalismo Literário, buscou aliar as melhores ferramentas de cada área em um único produto. Apesar do novo nome, era uma forma de desenvolver o texto jornalístico que o próprio Euclides da Cunha já havia utilizado no Brasil, e que o jornalista americano John Reed<sup>4</sup> praticara com maestria.

A nova leva de jornalistas-escritores, na sua maioria egressos ou ainda participantes da redação da revista *New Yorker*, surgiu como contraponto à hegemonia do lide em formato de pirâmide invertida, que tratou de engessar boa parte dos textos noticiosos e implantar um jornalismo supostamente imparcial e objetivo, quase asséptico, no mundo ocidental.

Foi o trabalho dos correspondentes americanos no estrangeiro [...] que firmou aos poucos as bases do novo modelo de jornalismo: a pirâmide invertida, a sumarização, a normatização do texto, a desvinculação do repórter do redator, com a nítida separação entre notícia e opinião.

---

<sup>4</sup> John Reed foi um jornalista e escritor americano de destaque no cenário mundial da primeira metade do século XX. Ele acompanhou de perto a Revolução Russa e escreveu um relato profundo sobre o processo ocorrido no país europeu, no livro “Dez dias que abalaram o mundo”. Nascido em 1887, no estado de Oregon (EUA), morreu de tifo em 1920, na Rússia, onde foi velado como herói na Praça Vermelha. (REED, 2010, p.1)



(COSTA, 2005, p.100-101)

A influência desse método no Brasil dividiu opiniões nas redações, tendo como um de seus maiores críticos Nelson Rodrigues, que defendia os pontos de exclamação e a antiga forma de escrever reportagens (COSTA, 2005, p.124-130)

A turma da *New Yorker*, formada por nomes como Truman Capote, que trouxe ao mundo a excelente obra “A Sangue Frio”, Tom Wolfe (A Fogueira das Vaidades), e Joseph Mitchell (O segredo de Joe Gould), entre outros, foi responsável por resgatar essa interface entre o jornalismo e a literatura, que acabou minada pela influência dos manuais de redação das agências internacionais depois dos anos 50 (COSTA, 2005, p.100-101).

No Brasil, as revistas Realidade e Senhor trilharam o mesmo rumo, e, desde outubro de 2006, a revista Piauí vem tentando fazer o mesmo, com textos longos e mais trabalho de pesquisa, além de muitas colaborações de escritores renomados no Brasil e no exterior. Na visão do idealizador da revista, João Moreira Salles, o conteúdo é o mais importante para a publicação:

Nossa opção editorial é simples: falar de tudo, de política a odontologia. Se um autor for capaz de tornar uma reportagem sobre cáries interessante, ela será publicada na Piauí. Publicamos dossiês fotográficos e histórias em quadrinhos; e também contos com mais de sete páginas. Vale tudo, contanto que seja bom e interessante (SALLES, 2006).<sup>5</sup>

Um tema muitas vezes abordado a respeito da relação jornalismo/literatura foi a importância do aspecto financeiro no cenário geral, visto que a indústria editorial no Brasil dificilmente enriquece os autores, e são poucos os escritores que conseguem viver de seus livros.

Quem vive disso? Nem o Ruy Castro vive só disso. Acho muito difícil. Claro que alguns livros deram muito dinheiro, ele pode ter comprado um apartamento melhor, fica sempre pingando algum, com a soma de vários livros, mas é suficiente pra ele viver dentro do padrão que ele quer? [...] Teria que ser um cara que produz muito, um livro por ano (BLOCH, 2013).<sup>6</sup>

Ao partir do princípio de que muitos aspirantes a escritores buscam o jornal como trampolim para o livro, em “Pena de Aluguel – Escritores jornalistas no Brasil 1904/2004”,

<sup>5</sup> Entrevista ao site Digestivo Cultural, em 04 de dezembro de 2006. Disponível em: [http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=8&titulo=Joao\\_Moreira\\_Salles](http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=8&titulo=Joao_Moreira_Salles). Acessado em: 23 de junho de 2013.

<sup>6</sup> Entrevista realizada para esta pesquisa, em 5 de fevereiro de 2013 (ver Anexo I).

Cristiane Costa aborda as diversas influências de um meio no outro. A autora questiona o que significou a aproximação entre o escritor e o jornalista, quais foram as influências de cada parte, se os discursos se separam em cada narrativa e de que forma os gêneros se cruzam (COSTA, 2005, p.12). Ao analisar o percurso dessa relação entre jornalistas e escritores que por muito tempo se deu de forma intensa, ela conclui que após a década de 50, quando há a expansão do mercado editorial brasileiro e o avanço da industrialização dos jornais no país, os escritores começam a se ausentar do cenário jornalístico. (COSTA, 2005, p.13)

Os anos 50 deram início ao processo que iria substituir definitivamente a influência da imprensa francesa, prolixa e opinativa, pela americana, concisa e objetiva. [...] Foi contra as novas regras que o escritor e jornalista Nelson Rodrigues se insurgiu quando chamou os copidesques de “idiotas da objetividade”. E reclamava que seriam capazes de reescrever o próprio Proust. No que estava absolutamente certo, já que, dali em diante, literatura seria uma coisa, jornalismo, outra. Uma das missões da ditadura da objetividade era fincar as fronteiras entre os dois gêneros. (COSTA, 2005, p.124)

Apesar dessa tendência, muitos jornalistas continuam se lançando no mundo editorial, porém nem sempre suas motivações são claras.

## 2.1 – Motivações de um jornalista-escritor

Os caminhos da redação de um jornal até as páginas de um livro são muitos, mas uma questão, ao fim de uma análise deste quadro que se repete em tantos momentos e locais diferentes, dificilmente encontra uma única resposta: por que um jornalista se torna escritor?

As probabilidades de ficar rico com a publicação de uma obra literária são remotas. O trabalho envolvido pode ser muito custoso, já que em alguns casos as investigações demandam muito tempo e muitos gastos com viagens, por exemplo, e pode ainda ser arriscado para um profissional autônomo tocar em pontos frágeis de forças políticas ou criminosas. Há os trabalhos de ficção, que não necessariamente envolvem riscos, mas que também demandam muito da rotina de seus elaboradores. Portanto, o que faz um repórter, editor, correspondente internacional ou qualquer outro jornalista buscar seu nome estampado na capa de um livro?

As respostas variam de pessoa para pessoa, não há uma fórmula básica, um conjunto de características similares que levem este ou aquele indivíduo a se envolver com o mundo das letras, mas alguns pontos comuns são encontrados quando analisamos a história de profissionais que trilharam estes caminhos, mostrando que o próprio ambiente em que atuam

– no caso as redações dos jornais – estimulam este tipo de atitude.

As linhas editoriais que atravancam determinados trabalhos, os interesses envolvidos em assuntos diversos, as próprias limitações de espaço no jornal impresso e a correria do dia a dia dentro de uma redação são alguns fatores que induzem seus integrantes a buscarem outras plataformas para seus trabalhos. Projetos pessoais, curiosidades atávicas, busca por justiça, entre outras motivações, ajudam a configurar esse trampolim que impulsiona os jornalistas na hora de tentarem saltos maiores.

A censura, que assolou o Brasil entre o final dos anos 60 e a década de 70, foi outro fator que deu origem a uma grande sorte de livros escritos por jornalistas, muito embora grande parte tenha sido proibida de chegar às livrarias *por ordens superiores*<sup>7</sup>. A ânsia por contar as histórias que ocorriam na frente de seus olhos, mas não saíam nas páginas dos jornais, levou muitos profissionais a investigarem e escreverem relatos que trouxeram a tona uma parte relevante da memória recente do país.

## 2.2 Limitações editoriais das redações

Uma situação recorrente na vida de jornalistas que trabalham em redação é se deparar com algum tema ou assunto delicado para a linha editorial do jornal, o que muitas vezes emperra o trabalho de investigação, outras acaba redirecionando as informações rumo ao desejo dos que exercem influência sobre aquela publicação, ou ainda proíbe o profissional de tratar daquela pauta.

O jornalista Alberto Dines, cuja trajetória marca boa parte da história da imprensa brasileira, conta que algumas vezes protagonizou embates emblemáticos dentro de redações em que trabalhou e até perdeu o emprego, em alguns casos, por enfrentar essas orientações editoriais superiores. No Diário da Noite, que pertencia aos Diários Associados, teve sérios problemas com seu chefe, Assis Chateaubriand, ao tratar do sequestro de um navio realizado por espanhóis e portugueses para chamar a atenção do mundo ao regime ditatorial de Salazar. Depois de publicar uma capa com a foto do navio e uma entrevista com o comandante, Dines conta ter sido repreendido:

---

<sup>7</sup> A partir de 1970, todas as publicações deveriam ser enviadas ao Ministério da Justiça para avaliação. (REIMÃO, Sandra. *O Departamento de Censura e Diversões Públicas e a censura a livros de autores brasileiros 1970-1988*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1041-1.pdf>. Acessado em 22 de junho de 2013.

Aí vem o recado do Chateaubriand “nem mais uma linha, nem mais uma linha a respeito, nada, nem contra nem a favor”. Ele era amigo do Salazar. Mas eu mantive a cobertura, eu não ia deixar de dar a notícia, continuei mais dois ou três dias, até que eu fui mandado embora. (DINES in FROSSARD et al. 2002)<sup>8</sup>

Um caso parecido, porém um pouco menos explícito, aconteceu com Dines alguns anos depois, quando já era diretor do Jornal do Brasil há mais de uma década. Sob censura ditatorial, a redação recebeu um recado dos militares de que estava proibida de dar manchete sobre a morte do presidente Salvador Allende, do Chile, em 1973. O jornal havia preparado um caderno especial de 65 páginas – que foi publicado assim mesmo. Vinha com uma grande chamada de capa sobre o assunto. Dines burlou o sistema mandando diagramar uma capa sem manchete, com quatro colunas inteiras tratando do tema na primeira página do dia 12 de setembro daquele ano, emolduradas pelo serviço de classificados<sup>9</sup>. A capa entrou para a história. Ele perdeu o emprego três meses depois.

São fatos que acontecem no dia a dia das redações, nem sempre envolvendo temas históricos ou de grande repercussão, mas que abalam os jornalistas. Afetados pelo cerceamento de seu trabalho, quando não acabam caindo na autocensura, muitos procuram outras formas de aprofundar as investigações. O livro é um caminho para isso, e tem sido uma forma procurada pelos jornalistas para depositar as informações abundantes que encontram no decorrer da apuração.

Ao tratar das diferenças entre a liberdade de escrever o que interessar ao jornalista e a liberdade do jornal em publicar o que for de seu interesse, Venício A. de Lima escreveu, em artigo para o Observatório da Imprensa:

Desde quando a imprensa se transforma em *instituição*, ou melhor, em *empresa capitalista*, sua relação direta com a liberdade de expressão individual deixa de existir. Ela não guarda qualquer relação com o que se pretende por liberdade da imprensa dos grandes conglomerados globais de comunicação e entretenimento no mundo contemporâneo, muitos deles com orçamentos superiores àqueles da maioria dos Estados membros das Nações Unidas (LIMA, 2012).<sup>10</sup>

Essa distinção entre liberdade de expressão e liberdade de imprensa nem sempre está

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre\\_dines/memoria.htm](http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre_dines/memoria.htm). Acessado em: 04 de maio de 2013.

<sup>9</sup> Fonte CPDoc/JB. Disponível em: <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=23547>. Acessado em: 04 de maio de 2013.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed710\\_a\\_liberdade\\_de\\_expressao\\_e\\_o\\_paradoxo\\_liceral](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed710_a_liberdade_de_expressao_e_o_paradoxo_liceral). Acessado em: 07 de maio de 2013.

clara para a sociedade, mas os profissionais de redação tocam constantemente neste ponto, já que muitas vezes recebem ordens para não abordar determinado assunto ou “maneirar” no texto em relação a alguma coisa.

A liberdade de imprensa sempre foi mascarada. Nunca houve liberdade de imprensa total. Existem dois tipos de censura: a primeira é a institucional, que havia no tempo do Getúlio e da Ditadura Militar. Essa acabou. [...] Agora, tem a censura interna de cada órgão, de cada editoria. Não só cada jornal tem, como cada editoria. Os editores, realmente, exercem certa pressão nos jornalistas em geral. [...] Essa censura é inevitável e universal (CONY, 2012).<sup>11</sup>

As chamadas linhas editoriais, que costumam estar dispostas de forma a parecerem isentas e imparciais, são determinantes para o fim a que se destinará o trabalho de apuração de um repórter – ou até para o bloqueio do profissional em seguir algum gancho que lhe tenha interessado. Há ocasiões em que as ordens da chefia de reportagem seguem uma “recomendação” sem explicações a respeito dos motivos para as limitações à investigação jornalística, mas frequentemente as razões para os embargos são claras em seu subtexto. Em outras situações, o objetivo da cúpula é cercear a atividade de informar, quando o tema envolve algum interesse dos donos do veículo de comunicação. Ora são motivações políticas, ora financeiras/comerciais, ou, o que não é incomum, as duas coisas ao mesmo tempo.

Em 2012, quando este autor trabalhava em um grande portal de notícias, de alcance nacional, situação similar pôde ser vista durante a greve de policiais e bombeiros que ocorreu no Rio de Janeiro. Depois de poucos dias de sua deflagração, os editores repassaram uma ordem da direção à redação: “Não pode 'greve' no título”. Dali em diante, além do cerceamento na abordagem, visto que cerca de 2 mil profissionais das polícias civil e militar e do corpo de bombeiros haviam decretado a greve em manifestação na Cinelândia, também passaria a ocorrer um monitoramento extremamente constrangedor junto aos textos dos repórteres. Tudo que se referia à greve, que por decreto da diretoria de jornalismo não poderia sequer ser assim chamada nas manchetes, deveria passar pelas mãos dos altos executivos – na maioria das vezes do próprio diretor de jornalismo da empresa. Casos como este, que têm sido narrados desde os primórdios do jornalismo, são corriqueiros no trabalho de redação e afetam profundamente os profissionais que escolheram esta carreira em busca de algo mais que fama e prestígio. Naquele momento, o único protesto que coube após a ordem superior – já que a maioria dependia do emprego para o sustento e não poderia se dar ao luxo de largá-lo em

---

<sup>11</sup> Carlos Heitor Cony, em entrevista à revista *Imprensa*, em 24 de abril de 2012. Disponível em: [http://www.carlosheitorcony.com.br/imprensa.aspx?nNOT\\_Codigo=43](http://www.carlosheitorcony.com.br/imprensa.aspx?nNOT_Codigo=43). Acessado em: 22 de junho de 2013.

busca de outro – foi a retirada das assinaturas dos textos. É um indício do que se passa internamente nas redações, influenciando a qualidade da realização profissional dos jornalistas. Muitos buscam escrever livros para passar ao público o que não lhes foi permitido no jornalismo diário.

Outra questão que influencia os jornalistas a publicarem livros é a falta de espaço para o grande volume de informações relevantes que são encontrados em determinadas pesquisas. Muitas vezes a pauta rende muito mais do que era esperado, com desdobramentos interessantes e variáveis importantes, mas nem sempre é possível transpor todo este material para o papel do jornal.

No livro “Do Golpe ao Planalto”, o jornalista Ricardo Kotscho, que foi secretário de imprensa da presidência da república no início do governo Lula, contou que alguns de seus livros foram frutos disso, como no caso da apuração que fez sobre a exploração de ouro em Serra Pelada, publicada em série de reportagens pelo jornal Folha de S. Paulo, e depois em livro com mais detalhes (KOTSCHO, 2006, p.130).

As limitações impostas pelo regime de trabalho dentro de uma redação de jornal são constantes. Muitos jornalistas não se conformam apenas com o preenchimento do espaço que lhes é indicado pela direção desta ou daquela publicação, o que gera uma insatisfação e um desejo de buscar outras plataformas. A opção literária permite ao jornalista estender o trabalho, sem regras de estilo ou restrições temáticas ao texto final.

## **2.3 Horizontes profissionais na era digital**

### **2.3.1 A invasão das assessorias de imprensa e a crise do digital**

O crescimento das assessorias de imprensa não afetou apenas a maneira de as empresas e os órgãos governamentais lidarem com os jornalistas e com a forma de passar informações aos meios de comunicação. O impacto dentro das redações de jornais foi sentido diretamente no trabalho de repórteres e editores, talvez em grau até maior do que nas outras esferas. O modelo de trabalho que partia de reuniões de pauta passou – e ainda passa – por uma transformação completa. O volume de informações que saem prontas das assessorias e chegam às mãos dos que coordenam uma publicação é crescente e o formato de texto encontrado pelas empresas de assessoria – cada vez mais profissionais – não é de sugestão de pauta. É texto final: assumiu a formatação da notícia por si, com “aspas” (pequenas falas dos entrevistados) e em muitos casos até mesmo com fotos. Os *releases*, que não param de lotar

caixas de email de quem trabalha em redação, já vêm com título, linha fina, lide, e sublide, de modo a “facilitar” o trabalho da redação.

Essa suposta tentativa de “auxiliar” o jornalista em sua jornada faz parte de uma intenção de direcionar não só a pauta, como também o enfoque do texto, o que leva a uma mensagem mais pendente para a publicidade e para o marketing do que para o jornalismo propriamente dito.

Os conteúdos informativos de interesse específico de empresas e marcas certamente ganham mais credibilidade e valor se forem confundidos com o conteúdo jornalístico, e nem sempre o sistema editorial consegue identificar a propaganda contrabandeada para dentro do seu campo próprio por meio dos chamados press-releases. Sem uma regulamentação que defina claramente os campos de interesse, também o público fica submetido à possibilidade de comprar gato por lebre, consumindo "informação corporativa" como sendo jornalismo (COSTA, 2013)<sup>12</sup>.

Aliado a este movimento, temos o advento da internet, que hoje já se tornou onipresente nos meios de comunicação brasileiros e na forma de levar informação pelo país. Enquanto jornais impressos lideram a lista de maior tiragem no país com menos de 300 mil exemplares por dia<sup>13</sup>, os maiores portais de notícias contabilizam milhões de acessos por dia<sup>14</sup>.

Cerca de 46,5% da população brasileira, 77,7 milhões de pessoas tinham acesso à internet em 2011, segundo o IBGE<sup>15</sup>. A pesquisa do instituto mostra que de 2005 a 2011 houve um salto gigantesco no número de cidadãos com acesso ao serviço de comunicação. No período de seis anos, 45,8 milhões de brasileiros a mais passaram a ter conexão ao mundo online, com a possibilidade de aumentar bastante a audiência de sites de notícias pelo país.

Apesar de os números serem grandiosos quando tratamos dos canais de comunicação virtuais, a publicidade ainda não encontrou um modelo que dê suporte às necessidades do trabalho jornalístico voltado para o online.

<sup>12</sup> Artigo “Alhos e Bugalhos: Marketing dissimulado”, de Luciano Martins Costa, publicado em 25 de março de 2013. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt\\_gt\\_alhos\\_e\\_bugalhos\\_lt\\_br\\_gt\\_gt\\_gt\\_marketing\\_dissimulado](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt_gt_alhos_e_bugalhos_lt_br_gt_gt_gt_marketing_dissimulado). Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>13</sup> Em 2012, a Folha de S. Paulo liderou o ranking do país, segundo o IVC, com média de 297.650 exemplares diários. Disponível em: <http://portalimprensa.uol.com.br/noticias/brasil/56336/folha+lidera+circulacao+de+jornais+no+brasil+segundo+pesquisa+do+ivc>. Acessado em: 22 de junho de 2013.

<sup>14</sup> Em dezembro de 2011, o portal Globo.com contabilizou 57 milhões de visitantes únicos. Disponível em: <http://anuncie.globo.com/mediakit/globocom/home-globocom.html>. Acessado em: 22 de junho de 2013.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/3126418/ibge-acesso-internet-cresce-e-chega-465-da-populacao-em-2011>. Acessado em 08 de junho de 2013.

Nada está definido, pelo menos por enquanto, o que é animador por um lado e desanimador por outro. Animador porque ainda há campo para muita experimentação, o que funciona como estímulo a empreendedores e jornalistas inovadores. Preocupante por outro, porque muitos também fracassarão nessa busca por um novo modelo de negócios tanto para o jornalismo impresso como para as experiências online. A gangorra e a incerteza ainda vão continuar por algum tempo. (CASTILHO, 2013)<sup>16</sup>

A transição de plataforma, que é apontada por muitos como o fim dos jornais impressos, se dá de forma vagarosa, assustando grande parte dos donos de publicações impressas, sejam jornais ou revistas, e com influência também nos meios radiofônico e televisivo, mas com menos ênfase.

A revista norte americana *Newsweek*, que chegou a ser uma das mais importantes do mundo, rivalizando com a *Time*<sup>17</sup>, decidiu acabar com a edição impressa em outubro de 2012, depois de sua tiragem cair de 3.158.480 exemplares para 1.527.157 entre 2001 e junho de 2012<sup>18</sup>. A decisão foi tomada após sucessivos problemas financeiros dentro da administração da empresa responsável pela publicação, mas, além da conjuntura interna, muitos acreditaram que ali estava o presságio dos novos tempos de digitalização da informação. A própria diretora da empresa responsável pela revista, Tina Brown, deu a entender que este era o melhor caminho: “Pode ser que leve um minuto – talvez mais que um minuto. Mas esta é a direção certa para o futuro”<sup>19</sup>.

Outros modelos começaram a ser criados, como o chamado *paywall*, que limita o número de acessos a reportagens permitidos mensalmente ao internauta, para depois cobrar um valor – geralmente menor do que o da assinatura do jornal impresso – para o livre acesso a todo o conteúdo do veículo.

O jornal *The New York Times* foi um dos que optou por essa alternativa, anunciada no início de 2011<sup>20</sup>, e desde então já contava com 708 mil assinantes ao fim do primeiro trimestre

<sup>16</sup> Disponível em:

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/os\\_paradoxos\\_na\\_busca\\_de\\_um\\_novo\\_modelo\\_de\\_negocios\\_para\\_o\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/os_paradoxos_na_busca_de_um_novo_modelo_de_negocios_para_o_jornalismo). Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/newsweek-publica-sua-ultima-edicao-em-papel-7136148>.

Acessado em: 22 de junho de 2013.

<sup>18</sup> Disponível em:

[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a\\_partir\\_de\\_2013\\_revista\\_estara\\_disponivel\\_somente\\_online](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_partir_de_2013_revista_estara_disponivel_somente_online). Acessado em: 08 de junho de 2013.

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.thewrap.com/media/article/tina-brown-newsweek-print-end-digital-future-inevitable-outcome-video-61386>. Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>20</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/new-york-times-vai-cobrar-por-conteudo-na-internet-partir-de-2011-3066254>. Acessado em 08 de junho de 2013.



de 2013<sup>21</sup>. O modelo tem sido visto por muitos outros jornais mundo afora como uma possível solução, mas o fato é que, mesmo com o incremento da fonte de renda a partir do pagamento dos leitores, que pela primeira vez na história do jornal representou mais do que a receita com publicidade, os resultados financeiros têm decaído bastante. No balanço do primeiro trimestre de 2013, o lucro líquido da empresa havia despencado 92,6%, influenciado, entre outros fatores, pela queda de 11,2% nos ganhos com anúncios e propagandas<sup>22</sup>.

No Brasil, o investimento na transição dos grandes jornais impressos para a plataforma digital vem tornando-se mais evidente para o consumidor. Os jornais O Globo, Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo começaram a esboçar os primeiros passos em direção ao *paywall*. A Folha adotou o modelo de permitir a leitura de 10 reportagens por mês – similar ao do *The New York Times* –, abrindo mais 10 matérias para o internauta que for cadastrado no sistema deles e cobrando para o livre acesso – sistema apelidado de “*paywall* poroso”<sup>23</sup>. O Globo e Estadão, por enquanto, limitam o número de matérias permitidas à leitura e exigem apenas o cadastro para o livre acesso, mas, ao que tudo indica, em breve devem adotar os mesmos termos de seu concorrente, como já afirmaram em 2012<sup>24</sup>.

O portal da Rede Globo, que congrega notícias (G1), entretenimento (Ego) e esportes (Globoesporte.com), é líder de audiência entre os portais do mesmo tipo no Brasil, com milhões de acessos diários, mas até o início de 2012 não era rentável. De acordo com números internos da empresa, as três frentes do portal eram líderes de audiência no país à época, sendo que as duas primeiras representavam 61% do total nacional entre os sites similares. Apesar disso, o portal ainda não gerava lucro para o conglomerado de mídia. Nas previsões dos executivos da Globo, essa meta só seria alcançada em dois ou três anos. Ou seja, entre 2014 e 2015.<sup>25</sup>

Esse encontro do crescimento das assessorias de imprensa com a crise do digital, que vem redesenhando as fontes e os destinos dos recursos dos meios de comunicação, abateu os jornalistas e gerou um processo de reconfiguração das relações entre o profissional de redação e a notícia – sem mencionar as próprias relações de trabalho, que estão em momento de transição brusca.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <http://phx.corporate-ir.net/phoenix.zhtml?c=105317&p=irol-newsArticle&ID=1811146&highlight=>. Acessado em 08 de junho de 2013.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/06/1298719-em-um-ano-paywall-agrega-audiencia-e-assinaturas-a-folha.shtml>. Acessado em: 22 de junho de 2013.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2012/06/18/Folha-passa-a-cobrar-pelo-conteudo-online.html>. Acessado em: 22 de junho de 2013.

<sup>25</sup> Dados divulgados em palestra interna proferida durante o programa Estagiário 2012, em fevereiro de 2012.

De um lado, os melhores salários oferecidos pelas empresas de assessoria de imprensa, quando não de empresas interessadas em ter jornalistas experientes como gerentes de comunicação, cooptam os principais nomes de muitos jornais por todo país, cansados da rotina exaustiva de trabalho em troca de pouco dinheiro. De outro, os orçamentos minguados cortam as despesas de todos os lados, inclusive dos meios de trabalho<sup>26</sup>. Com tudo ao alcance de alguns cliques e telefonemas, boa parte das reportagens – se assim podem ser chamadas as matérias apuradas a distância, sem qualquer observação presencial – passam a ser feitas de dentro da redação, sem que a empresa precise gastar tanto com motoristas e veículos.

Ir para a rua hoje não é mais sinônimo de fazer reportagem, principalmente quando o produto é para os portais de notícias online. Tanto pela falta de recursos – humanos e financeiros – necessários ao trabalho de apuração no exterior dos prédios, quanto pela influência da “agenda” das assessorias de imprensa, que abastecem os meios de comunicação com um grande volume de informação – direcionada pelo interesse de seus clientes. O jornalista Audálio Dantas é um dos críticos às condutas que têm se aproveitado das novas ferramentas tecnológicas para fazer um trabalho permeado pela apuração preguiçosa:

As novas tecnologias ajudam a fazer, mas elas podem ser armadilhas muito perigosas. Fazer a matéria sem ter contato direto com o tema, com as pessoas envolvidas é meio caminho errado. Será um caminho totalmente errado se o repórter - como acontece muitas vezes ultimamente – vai ao Google e pega o texto, que ele não sabe a origem. O valor essencial do jornalismo é a credibilidade. Jornalismo sem credibilidade deve ser jogado fora, não merece respeito (DANTAS, 2013)<sup>27</sup>.

Hoje uma reportagem sobre a descoberta de ratos mortos no armazém de um supermercado, por exemplo, dificilmente é feita in loco. A assessoria de imprensa da Vigilância Sanitária manda um *release* com as principais informações sobre uma operação de fiscalização realizada em determinado estabelecimento, com o lide e o que mais couber no texto sobre o problema. O repórter recebe o texto em seu email, procura a assessoria de imprensa do estabelecimento envolvido, que por sua vez prepara outro texto com a sua defesa e as costumeiras alegações de que o fato é um caso isolado, que as providências já foram tomadas e que a rede de supermercados acaba de anunciar uma revisão em seus processos de armazenagem. O repórter faz um misto de dois textos, dá um título que agrade o editor e a

<sup>26</sup> No primeiro semestre de 2013, algumas das principais publicações brasileiras realizaram grandes cortes de funcionários, como Valor Econômico, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, entre outras. Disponível em: <http://www.apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>. Acessado em 28 de maio de 2013.

<sup>27</sup> Entrevista ao site Comunique-se, em 03 de maio de 2013. Disponível em: [http://apalavraonline.com.br/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=2&Itemid=128&id\\_noticia=%205057](http://apalavraonline.com.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=2&Itemid=128&id_noticia=%205057). Acessado em: 22 de junho de 2013.

matéria vai ao ar. Neste período, ele no máximo levantou para beber um copo de água ou ir até o banheiro da redação.

O exemplo acima é apenas um dos muitos casos de matérias totalmente apuradas de dentro da redação, cada vez mais comuns e cada vez mais influenciadas pelas assessorias de imprensa. O jornalista a serviço de uma grande empresa, na realidade, se prepara para ocupar uma posição de redator. Ele edita dois textos e cria uma síntese das duas versões, sem acesso ao interior do supermercado, ou a outras possíveis irregularidades que poderiam ser averiguadas no local. Também deixa de existir a anteriormente obrigatória interlocução com os responsáveis pelo problema, o que gera, muitas vezes, uma mensagem além da textual ou da verbal.

Se por um tempo a imprensa tinha a capacidade de influenciar o público em relação aos temas em que deve pensar (COHEN *apud* WOLF, 2003, p.143-144) e nos que deve investir seu tempo, com o crescimento das assessorias de imprensa e a crise do digital, que afetou também as estruturas dos jornais, foram elas que passaram a responder por boa parte da *agenda-setting* da mídia.

Essa influência no dia a dia do trabalho dos jornalistas tira boa parte da criatividade e do espírito dinâmico que envolve o ideal da profissão, o que afeta diretamente os profissionais e lhes deixa, em muitos momentos, descontentes com o resumo de suas atividades. O desejo de quebrar as amarras, fugir da agenda pré-estabelecida e investigar assuntos de maior relevância ou sensibilidade para o público move egos e instiga muitos abatidos com a rotina de redação. Uma das saídas para essa sensação de impotência é a publicação de livros, cujo conteúdo segue a pauta estabelecida pelo próprio autor e pode tratar da forma e da maneira que lhe aprouver.

### **2.3.2 Projetos pessoais**

Além das dificuldades e restrições impostas pelas linhas editoriais dos jornais, das limitações do trabalho diário de um repórter, da invasão das assessorias de imprensa na rotina das redações e da crise do digital, muitos casos de jornalistas que escrevem livros são frutos de projetos pessoais, das mais variadas formas.

Há jornalistas que se empenham em investigar determinados assuntos por alguma ligação direta ou indireta com o tema, seja por sensibilidade, clamor por justiça ou mera curiosidade. É a partir de desejos atávicos que muitos livros surgem, impulsionados por

profissionais interessados em preencher um vazio existencial, familiar ou social.

Incontáveis são as biografias escritas por jornalistas que admiram um personagem – ou têm grande curiosidade pela vida e trajetória dele – e decidem investigar a fundo sua história, levantando dados, memórias, revelações e tudo mais que houver de relevante para que ela seja contada. Em alguns casos, trabalha-se com contratos prévios, de maneira que a pesquisa já seja financiada, mas geralmente a proposta envolve algo maior, em torno de uma figura popular ou referencial.

Ruy Castro, que escreveu as biografias de Nelson Rodrigues, Carmen Miranda e Garrincha, conta<sup>28</sup> que, ao escolher um biografado, age como se casasse com ele: pensa e fala no personagem de manhã, de tarde e de noite, em busca de ver todas as versões e possibilidades dos fatos que marcaram a vida daquela pessoa. Para ele, a decisão de escrever uma biografia deve ser muito bem pensada, pois será algo que demandará muito trabalho e dedicação, além de paciência e determinação. Ruy conta ainda que gostaria de escrever um livro sobre a vida de Carlos Lacerda, mas não tomou a decisão de fazê-lo por motivos pessoais. Argumenta que está com 65 anos, alguns problemas de saúde e que levaria pelo menos cinco anos para terminar o livro, de modo que não é um projeto pessoal compatível com sua vida atualmente.

Enquanto há os projetos pessoais que são planejados previamente, germinados desde um momento anterior à decisão de seguir em frente, há os projetos pessoais que surgem no decorrer da carreira do jornalista. Ao deparar-se com uma pauta no dia a dia do jornal, as descobertas envolvidas no processo de apuração da reportagem trazem uma luz a determinado assunto e despertam um interesse além do trivial no profissional, que subtrai para si o objetivo de fazer uma pesquisa mais ampla em torno do objeto estudado.

A jornalista Miriam Leitão conta em seu livro “Saga Brasileira – A longa luta de um povo pela sua moeda” que o desejo de escrever o livro se desenvolveu ao longo dos anos em que via o sofrimento do povo em relação à inflação, história que foi contada “aos pedaços nas páginas de jornais” (LEITÃO, 2011, p. 11).

A cobertura diária dos diversos momentos por que passou a economia brasileira recente, vitimada por índices astronômicos de inflação nos anos anteriores ao plano Real, gerou na jornalista a vontade de retratar em livro toda essa trajetória, que a autora classifica como história, e não apenas história econômica.

---

<sup>28</sup>Palestra proferida na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 2013.

Mais do que um evento em si, o que me apaixonou foi a ideia de mostrar que todos os eventos juntos descrevem o processo de amadurecimento institucional do país feito em condições difíceis. Pela dimensão de outras tarefas que nos aguardam, entendo que olhar o bem-feito pode ser de grande valia. (LEITÃO, 2011, p.13)

A decisão de escrever o livro foi um projeto pessoal dela, que o descreve como um “persistente sonho” que carregou por muitos anos, enquanto guardava material, conversas, bastidores e personagens (LEITÃO, 2011, p.12), para depois tomarem forma numa publicação editorial.

Como este caso, muitos outros jornalistas se envolvem de maneira muito forte com determinados assuntos de sua rotina de trabalho, a ponto de darem um passo adiante na investigação do tema, além do desejo de dar coesão a histórias que parecem soltas no tempo.

Narrativas de coberturas de guerra, memórias de eventos marcantes, bastidores de períodos históricos, recordações e dicas sobre viagens, dentre muitos outros tipos de livros podem estar enquadrados na categoria de projetos pessoais, e muitos deles são determinantes na trajetória dos jornalistas que os escreveram. A recompensa financeira não costuma ser a principal no Brasil, cujo mercado editorial ainda é menos ativo do que desejam os homens de letras e as editoras, mas o respeito angariado com determinadas publicações pode ser um fator de impulsão na carreira dos jornalistas.

### 3. TRÊS GERAÇÕES PARA ESTUDOS DE CASO

Para um contato mais próximo com profissionais reconhecidos tanto como jornalistas quanto como escritores, foram escolhidos três nomes como estudos de caso, que fizeram história em gerações subsequentes após a década de 50.

O primeiro deles a entrar no estudo será a trajetória do jornalista, escritor e dramaturgo José Louzeiro, que escreveu mais de quarenta livros, em paralelo a uma longa carreira nas redações de jornais do Rio de Janeiro. Louzeiro será o estudo de caso da primeira geração entre as três representadas, visto que o início de sua carreira se deu ainda na década de 50.

Em sequência vem o repórter, apresentador e escritor Caco Barcellos, que iniciou sua carreira no Rio Grande do Sul, ainda na década de 70. Detentor de dois prêmios Jabutis por livros que escreveu, além de mais de vinte prêmios por reportagens que fez.

O terceiro é o jornalista e escritor Arnaldo Bloch, representante da terceira geração, já que começou a trabalhar na segunda metade da década de 80.

Nessa escolha de três estudos de caso, estão incluídos três períodos diferentes da história do Brasil, apesar do fato de os jornalistas terem pontos de confluência em períodos de trabalho.

Louzeiro começa a carreira ainda antes do golpe militar de 1964, no período logo após a morte de Getúlio Vargas, enquanto Caco Barcellos inicia a carreira jornalística em plena ditadura, no período após a promulgação do Ato Institucional nº 5, que permitiu ao governo fechar o congresso, cassar mandatos parlamentares e instalar a censura aos meios de comunicação. Já Arnaldo Bloch ingressa no trabalho de redação durante a presidência de José Sarney, que representou o primeiro governante civil do país após os 21 anos de ditadura militar.

Os estudos de caso delineiam as trajetórias dos três renomados jornalistas e escritores, em busca da compreensão de suas razões, inspirações e objetivos com a publicação de livros.

Ao viverem em períodos diferentes e marcantes na história brasileira, suas vidas e obras são marcadas, mesmo que indiretamente, pela influência do dia a dia de determinados momentos políticos, econômicos e culturais por que passou o país. Além das datas em que começaram suas carreiras, outro elemento que marca as diferenças entre os três é o estado de origem de cada um. Enquanto José Louzeiro vem da Região Nordeste do País, egresso do Maranhão para o Rio de Janeiro, Caco Barcellos sai do Rio Grande do Sul também para a Região Sudeste, e constrói a maior parte de sua carreira no estado de São Paulo. Já Arnaldo

Bloch é nascido e criado no Rio de Janeiro, com fortes influências de sua família, fugida da União Soviética no início do século XX. Sua história acompanha de perto a ascensão e queda do domínio de um dos maiores grupos de comunicação do país – o grupo Bloch.

### 3.1 José Louzeiro – Paixão bandida

Havia pouco mais de dois meses que eclodira a revolução constitucionalista em São Paulo, contra o governo provisório de Getúlio Vargas, quando nasceu, em São Luís do Maranhão, José Jesus Louzeiro, no dia 19 de setembro de 1932. O pequeno nordestino não poderia ter ideia do que ocorria no país, mas vinha ao mundo cerca de duas semanas antes da rendição paulista ao governo de Vargas, que, entre crises e mudanças de postura, iria se prolongar até 1945, com um adendo de mais de três anos entre janeiro de 1951 e agosto de 1954.

Um mês e dez dias após completar 13 anos, Louzeiro ainda era um “moleque arteiro”<sup>29</sup> nas proximidades da av. Camboa do Mato, no bairro de Camboa, em São Luís, quando Vargas deixava a presidência da república, após um movimento liderado por ex-tenentes da revolução de 30. Sem relação direta com a política do país, foi por volta dessa época em que o futuro jornalista começaria a se envolver com os livros, a Bíblia e os almanaques distribuídos pelas indústrias farmacêuticas na região em que morava.

Até então, o menino vivia pelas ruas com sua pequena “ganguê”, arrumando confusão e brigas, para a desaprovação de seu pai, que era pastor. A obrigação da leitura da Bíblia já lhe dera algum contato com as letras, somada aos folhetos farmacêuticos que sua vó guardava para ele, mas era muito pouco perto do que viria a fazer parte central de sua vida.

Uma das responsáveis por incentivar sua proximidade com o mundo da escrita foi sua professora de infância Maria Freitas, que veio a ser homenageada no livro “Lições de amor”, publicado por Louzeiro em dezembro de 2012, pela editora Universo dos Livros, da Universidade Federal do Maranhão.

Ele conta<sup>30</sup> que ela o estimulou não só a ler, como a ser um bom aluno, o que se deu de fato. O interesse pelos livros cresceu com o apoio de Maria Freitas e em pouco tempo o jovem maranhense estava frequentando a redação do jornal O Imparcial, onde passou a ser aprendiz de revisor. Com o tempo mais escasso, as aulas passaram a ocorrer à noite. “Comecei a virar

---

<sup>29</sup>Entrevista concedida ao autor no dia 01 de maio de 2013 (ver Anexo II).

<sup>30</sup>Idem.

gente interessada em ler, em aprender e em ser alguém na vida” (LOUZEIRO, 2013)<sup>31</sup>.

A tentativa de “ser alguém” se deu inicialmente com o aprendizado no jornal, onde tinha grande apreço pela página literária, que era publicada aos domingos. Nessa época, um estudante de direito, que estava prestes a se tornar advogado, era o responsável pelo caderno de literatura dominical e acompanhava de perto o trabalho do jovem aprendiz de revisor, que sofria com o calor dos linotipos. Com apenas dois anos e cinco meses de diferença na idade dos dois maranhenses, os caminhos que percorreriam seriam bem distintos nos anos seguintes. Enquanto o mais novo marcaria o nome na história do jornalismo brasileiro, o outro chegaria ao cargo de presidente da república, mas carregaria consigo também uma grande desaprovação popular, que se estende até os primeiros anos do século XXI Brasil afora. Seu chefe era o homem que viria a ser conhecido como um dos “donos” do Maranhão: José Sarney.

Apesar do gosto pelas letras, tinha outro mundo que lhe fascinava ainda mais. Era a editoria de polícia, onde acompanhou o trabalho do repórter Moacir de Barros, com quem ia e voltava de delegacias em busca de pautas e desdobramentos.

Foi também essa curiosidade pelo mundo do crime que levou o repórter de 22 anos de idade a trocar de cidade, estado e região. No mesmo ano em que Getúlio “deixou a vida para entrar na história”, em 1954, José Louzeiro também precisou dar seu jeito para não ficar encurralado. Clamando-se como foragido do Maranhão, apenas seis anos após ter ingressado em O Imparcial como aprendiz de revisor, ele fez as malas e mudou-se para o Rio de Janeiro, após sofrer ameaças por conta de matérias que havia publicado.

Era uma reportagem sobre um trabalhador assassinado a mando do político Vitorino Freire, e o resultado de sua apuração não agradou ao grupo comandado pelo homem que viria a dar nome a ruas e a um município no estado nordestino. O diretor do jornal O Combate, onde trabalhava naquele momento, lhe disse que o melhor era fugir o mais rápido possível, principalmente porque outros dois jornalistas amigos de Louzeiro haviam sido mortos pelos mesmos capangas.

Sem ter alternativa, ele veio para o Rio de Janeiro desempregado, sem moradia e sem perspectivas. Dormiu pelas praças e passou fome, até começar a se entrosar com jornalistas, em particular com o repórter Bolívar Costa, que trabalhava na Revista da Semana. Ali encontrou seu primeiro trabalho, mas o dinheiro mal dava para comer. “Só dava para um pão

---

<sup>31</sup>Idem.



com manteiga e uma média na leiteria Bol’ (LOUZEIRO, 2013)<sup>32</sup>.

Como Bolívar Costa era estudante de direito, podia morar na Casa do Estudante, que ficava na rua Santa Luzia, no centro da cidade, e levou Louzeiro para residir lá, já que o salário do amigo não lhe dava condições de pagar aluguel. Nessa mesma época, ele conheceu o jornalista Mário Hora, que trabalhava na revista Vida Doméstica. Mário convidou-o para escrever histórias para uma outra publicação do mesmo grupo, voltada para crianças, chamada Vida Infantil. Com os trabalhos avulsos, as vezes pagos ainda adiantado, o pagamento por história era quase o mesmo que seu salário mensal. Em meio a essa luta por melhores condições, Louzeiro aproveitava a amizade com Bolívar para comer de graça na faculdade de direito.

Dados os primeiros passos na cidade, começou a trabalhar no jornal Luta Democrática, do político destemido Tenório Cavalcanti, a quem o jornalista maranhense se refere como “um personagem de gibi ao vivo”<sup>33</sup>. Ali ele voltaria a tratar dos temas que mais o apaixonavam; os crimes, a vida bandida, os assassinatos e demais casos de polícia. “Eu pude fazer algumas matérias como eu gostaria. Fui virando repórter de polícia mesmo” (LOUZEIRO, 2013)<sup>34</sup>.

Foi também naquela redação que seu primeiro livro, de contos, começou a germinar. “Depois da luta”, publicado em 1958, chegou às livrarias apenas quatro anos após a ida dele para o Rio de Janeiro, mas não teve muita repercussão com o público, apesar de algumas críticas positivas. Para a sua publicação, o escritor conta que precisou pagar do próprio bolso, e mesmo assim a editora não divulgou o livro como ele gostaria<sup>35</sup>.

Naquele ano em que pela primeira vez uma capa de livro vinha com seu nome, o país vivia o fim do governo Juscelino Kubitschek, que seria sucedido por João Goulart, e marcaria os primeiros passos para o conflito que culminaria no golpe militar de 1964.

Em paralelo a isso, José Louzeiro continuava batendo ponto em delegacias, em busca de histórias e bastidores dos crimes que aterrorizavam a cidade. Fez muitas matérias sobre assassinos e questões policiais, até que quis mudar um pouco de linha. Foi então que passou a trabalhar na revista Publicidade e Negócios, que abriu caminho para as agências de publicidade americanas no Brasil, e pagava melhor do que os trabalhos que vinha fazendo. Lá, ele recebia remuneração cerca de três vezes maior do que ganhava na Luta Democrática, além de não correr riscos. “Na 'Luta', os bandidos invadiam o jornal. Quando não eram eles, eram

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Idem.

os próprios policiais, ofendidos com alguma matéria. Era uma bagunça” (LOUZEIRO, 2013)<sup>36</sup>.

Apesar da situação degradante e arriscada que vivia na Luta Democrática, foi a partir do primeiro livro, posterior ao seu trabalho no jornal de Tenório Cavalcanti, que o gosto pelas páginas além do jornal despertou. A partir dali, teve vontade de escrever outros livros, seguindo sua “mania de escrever”, como define:

Sempre era baseado nas histórias que eu vivia. E era cada história. Sempre na base da criminalidade. Eu não entendia como que o cara – e até hoje não entendo – chega ao ponto de querer matar outro. Roubar tudo bem, o cara está morrendo de fome, eu já passei fome, sei o que é isso. Mas matar outro é um negócio que eu nunca consegui entender. E a minha literatura é toda em cima disso.(LOUZEIRO, 2013)<sup>37</sup>

Com algumas variações, a maioria dos livros de José Louzeiro gira em torno deste tema. Assassinatos ou assassinos e a vida clandestina. Ao se aproximar de criminosos, por quem em alguns casos demonstra até afeição, buscava compreender a motivação por trás de uma ou mais mortes. Após mais de 80 anos vividos, dezenas de livros e roteiros cinematográficos escritos, ele continua sem entender o que faz um homem tirar a vida de outro.

Paes Manso aponta alguns pontos que são fundamentais para a ocorrência de um homicídio, como a interação entre a vítima e o agressor, os meios para a agressão, a falta de freios do homicida para evitar o ataque, a falta de alternativas para a vítima escapar, e o fato de o agressor acreditar que aquela é a melhor maneira de lidar com o conflito em que se envolveu, mas tampouco consegue explicar a razão fundamental que leva ao ato (MANSO, 2012, p.13). “Dado o grau de controle e as oportunidades existentes para a prática homicida, a motivação que leva a essa escolha continua sendo o principal mistério por trás da ação” (MANSO, 2012, p. 13)<sup>38</sup>.

### **3.1.1 Influência política**

A carreira de Louzeiro ainda passou por outros jornais de peso da época, como a Folha de S. Paulo, a Última Hora e Correio da Manhã, entre outros, onde sua maior marca foi ligada

---

<sup>36</sup>Idem.

<sup>37</sup>Idem.

<sup>38</sup> Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-12122012-105928/pt-br>. Acessado em: 01 de junho de 2013.

ao jornalismo policial. Ainda na revista Publicidade e Negócios, conheceu sua primeira esposa, Tereza Moreau, com quem teria um filho, José Moreau Louzeiro, em 1964.

Naquele ano, começava o período que seria um dos fatores a influenciar a profusão de livros a serem escritos pelo jornalista, envolvido com temas de relevância e sensibilidade social, capazes de comover o público nacional, além de se tornarem uma via alternativa de informação, já que os anos da ditadura militar seriam marcados, principalmente a partir de 1968, pela censura aos meios de comunicação.

Ele já havia publicado seu segundo livro em 1960 (uma novela chamada “Acusado de Homicídio”), mas foi a partir do regime militar que seu trabalho passou a render mais livros. No período em que trabalhou no jornal de Samuel Wainer, a Última Hora, a cobertura do noticiário policial lhe deu mais pautas em que se basear.

Em 1973, no dia 18 de maio, uma sexta-feira, ocorreria um dos crimes que mais chocou o Brasil, e que viria a ser tema central de uma das principais obras de José Louzeiro. Enquanto mantinha seu trabalho no jornal popular carioca, alternava viagens ao Espírito Santo para apurar a história que gerou “Aracelli, meu amor”, baseada no assassinato da menina de nove anos Aracelli Cabrera Sánchez Crespo, vítima de membros de duas famílias poderosas do estado capixaba.

A menina foi encontrada morta num matagal, com dentadas nos seios e no órgão genital, além de ter partes do corpo corroído por uma substância ácida. Até hoje ninguém foi condenado pelo crime, que teve como principais suspeitos um jovem da família Michelinei, barões da produção do café, e outro da família Helal, muito influente politicamente no estado e dona de muitos empreendimentos imobiliários e hoteleiros na região.

A tragédia teve traços de drama cinematográfico e foi retratada em detalhes pelo jornalista em livro, enquanto sofria ameaças pelo telefone da redação. Ele chegou a precisar mudar de hotel em uma de suas visitas ao Espírito Santo, após um dos funcionários do estabelecimento – que pertencia à família Helal – alertá-lo de que estava sendo vigiado.

Além do clima de risco, que levou à morte não só a menina, mas também pessoas ligadas aos testemunhos e à investigação do crime, o país estava passando por um dos momentos mais tensos do regime militar.

Ainda governado pelo general Emílio Garrastazu Médici, o Brasil vivia uma era obscura de sua história. Jornalistas, escritores, intelectuais e políticos eram cassados, presos, torturados e em algumas ocasiões mortos. Era também um momento de grandes acontecimentos no campo econômico do país, que estava em meio ao chamado Milagre

Econômico.

Com o governo militar no poder, os generais politicamente responsáveis pela condução do governo se comprometeram com os poderes industriais e estrangeiros a incentivar o desenvolvimento econômico do país. A sequência do marechal Humberto de Alencar Castello Branco no poder, após a deposição de João Goulart, marcou uma reaproximação do país com o capital externo, que se baseou nas promessas militares para investir no país sem medo da chamada “ameaça comunista”. O compromisso assumido pelo governo em combater grupos políticos brasileiros de esquerda, aliado aos esforços em estabilizar a economia, os baixos juros internacionais na década de 70 e o apoio dos Estados Unidos à ditadura militar ajudaram o projeto de crescimento econômico formulado pelo ministro da fazenda do governo Médici, Antonio Delfim Netto (VICENTINO & DORIGO; 2001, p. 605).

Além disso, o governo se empenhava em manter baixos os salários dos trabalhadores mais humildes na escala de trabalho, reprimindo com grande violência as manifestações que surgiam em algumas regiões do país, o que era mais um fator de conturbação política no cenário nacional, dividido ideologicamente.

Podemos afirmar, sem sombra de dúvida: o elemento-chave do “milagre econômico brasileiro” [...] foi o *arrocho salarial* imposto à classe trabalhadora. Entre 1968 e 1974, tal condição “carregou” o crescimento industrial nas costas, diminuindo progressivamente o nível geral dos salários. [...] A política salarial e trabalhista responsável pelo “milagre” também visava provocar a maior subordinação do trabalhador à fábrica, tentando conter a sua capacidade de luta e de mobilização política. E isso por meio de um expediente bem simples: além da repressão física, usada pelo regime militar contra os principais líderes sindicais do período, com direito a cassações de direitos políticos, prisões e torturas, o governo desestimulou o *regime de estabilidade no emprego*. (MENDONÇA, 2004, p.94-95)

Naquele ano do assassinato de Aracelli, pouco menos de um mês antes do crime, havia sido assinado o Tratado de Itaipu, que previa a exploração energética do rio Paraná a partir da hidrelétrica de Itaipu, que teria sua construção iniciada em menos de dois anos. Era fruto da política nacional do regime militar, que atraía investimentos nacionais para a indústria de bens não duráveis, capitais internacionais para a indústria de bens duráveis e mantinha dentro do escopo do Estado os temas relacionados à Segurança Nacional (VICENTINO & DORIGO; 2001, p. 606).

Enquanto o Brasil passava por essa turbulência de mão dupla, vitimado por um governo repressor e violento, ao mesmo tempo em que a economia crescia em ritmo veloz, o

mundo também passava por muitas reviravoltas. Foi também em 1973 que o general Augusto Pinochet tomou o poder no Chile, após a deposição de Salvador Allende. No Uruguai, também começava um novo regime militar, estudantes foram mortos na Grécia por protestar contra o governo do mesmo tipo, a Guerra do Vietnã chegava ao fim, além da grande crise do petróleo.

Em meio a este cenário global, foram escritos alguns dos principais livros do jornalista-escritor maranhense. “Aracelli, meu amor” só seria publicado em 1976, quando o general Médici já deixara o poder, para ser substituído pelo general Ernesto Geisel, que assumiu em 1974.

Entre o início da apuração do caso Aracelli e a efetiva publicação do livro, Louzeiro se aproximaria de uma figura que também seria objeto de um de seus livros: Lúcio Flávio. O jornalista conta<sup>39</sup> que estava cobrindo férias de um repórter no jornal O Globo, além de continuar seu trabalho em a Última Hora, quando atendeu o telefone da redação e a pessoa do outro lado se apresentou como sendo o bandido mais procurado pela polícia da época. Lúcio Flávio pediu que o repórter fosse à Urca no dia seguinte, que ele e seu bando iriam roubar uma agência bancária no pequeno bairro carioca. Ele foi e presenciou o assalto, no que seria um dos primeiros contatos entre os dois. Desse relacionamento ficaria o livro publicado em 1975, e o filme que ficou pronto em 1977, dirigido por Hector Babenco, com grande sucesso de público.

Em 1978, em entrevista à revista Veja, Louzeiro disse que o livro foi um momento de inflexão em sua trajetória literária, pois era uma maneira de se relacionar de forma mais intrínseca com o momento político nacional. “Sentia-me mal situado na realidade, pois o mínimo que um escritor pode fazer é participar social e politicamente de seu tempo” (LOUZEIRO, 1978)<sup>40</sup>.

Já em relação ao livro que trata da história de Aracelli, o jornalista até hoje se mostra indignado com a não resolução do caso e acusa o ministro da Justiça à época, Armando Falcão, que censurou seu livro, de receber dinheiro da família Helal<sup>41</sup>.

As confluências e divergências políticas do período foram muitas, pontuadas por uma efervescência cultural muito grande, que tinha na repressão um de seus fatores motivadores.

<sup>39</sup> Entrevista concedida ao blog Estranho Encontro. Disponível em: <http://estranhoencontro.blogspot.com.br/2006/05/biografia-entrevista-jos-louzeiro.html>. Acessado em 25 de abril de 2013.

<sup>40</sup> Entrevista concedida à revista Veja por José Louzeiro em 08 de março de 1978. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/arquivo\\_veja/capa\\_08031978.shtml](http://veja.abril.com.br/arquivo_veja/capa_08031978.shtml). Acessado em: 30 de maio de 2013.

<sup>41</sup> Entrevista concedida ao autor no dia 01 de maio de 2013 (ver Anexo II).

Ao mesmo tempo, o período entre o assassinato de Aracelli e a chegada do filme sobre Lúcio Flávio às telas marcou uma gradativa mudança na forma como o governo tratava os jornalistas e intelectuais.

A morte do jornalista Vladimir Herzog, em outubro de 1975, quando chefiava o jornalismo da TV Cultura de São Paulo, foi um do marco determinante para o início da pressão em direção à abertura “lenta e gradual” do regime ditatorial no país. Ainda assim, foi nestes últimos anos da década de sessenta e nos primeiros anos da década de setenta que muitos jovens idealistas foram capturados pela repressão, torturados e mortos. Alguns de maneira escabrosa, como é o caso narrado por Louzeiro no livro “Em Carne Viva”, que se baseia na vida da estilista Zuzu Angel e de seu filho Stuart Angel. O jovem, que foi membro do grupo guerrilheiro MR-8<sup>42</sup>, foi morto em 1971, sendo arrastado por um jipe com a boca presa no cano de descarga, na base aérea do Galeão.

Como ele não se desdobrava, amarraram o rapaz pelos pés e o jipe disparou, Aécio<sup>43</sup> rebolando atrás. Deu umas cinco ou seis voltas. Parou, Aécio não tava morto. Aí foi que aconteceu. Meteram a boca dele no cano de descarga, e o sacana do Sentença acelerava, acelerava. Soltavam o Aécio, ele saía erguendo-se e caindo no meio do pátio, querendo respirar a todo custo. Uma hora depois dessa tortura, havia morrido (LOUZEIRO, 1980, p.310)

Apesar de tratar de um caso referente a 1971, o livro só foi publicado em 1980, dado que não seria possível ser liberado pela censura durante o período mais repressivo da ditadura militar. Além disso, o livro abrange um período mais extenso, incluindo também a morte de Zuzu Angel, em 1976, quando foi vítima de um acidente automobilístico misterioso na Estrada da Gávea, na saída do túnel que hoje leva seu nome. A morte da estilista ocorreu após uma incessante busca de sua parte por esclarecer o desaparecimento de seu filho, cujo corpo nunca foi encontrado.

Enquanto a política nacional girava em torno de tantas idas e vindas, com perseguições, torturas, exílios e guerrilhas, ele mantinha seu trabalho ininterrupto, produzindo em grande quantidade e tocando em temas extremamente sensíveis tanto para a opinião pública, quanto para o governo do país. No entanto, das ameaças que sofreu, nenhuma chegou a se concretizar,

---

<sup>42</sup> O Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) foi uma organização política que participou da luta armada contra a ditadura militar no Brasil, com o objetivo de implantar o socialismo no país. O nome do grupo é uma homenagem à data da morte de Che Guevara, na Bolívia, no dia 8 de outubro de 1967. Disponível em: <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/forcas-armadas/alguns-documentos-reveladores-sobre-o-mr8-velho/>. Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>43</sup> Aécio é o nome do personagem que se baseia em Stuart Angel, no livro “Em carne viva”.

tampouco foi uma vítima do regime militar como muitos foram, apesar de também passar um curto período de tempo preso. “Eu não sei como que eu escapei. Acho que eu escapei porque eles não gostavam de ler. Se eles gostassem de ler eu estava perdido” (LOUZEIRO, 2013).

Ainda nessa fase, em 1977, Louzeiro publica “Infância dos Mortos”, sobre meninos de rua e a degradante situação dos abrigos e casas de detenção para menores. O livro inspiraria ainda o filme “Pixote”, dirigido por Hector Babenco. É mais uma das histórias que o jornalista capta a partir de sua rotina diária cobrindo os casos de polícia e percebendo as nuances sociais que surgiam nas grandes metrópoles do país.

Suas obras passaram por uma série de crimes e combates, políticos e apolíticos, mas têm sempre uma conexão com os dramas policiais, que sempre foram e ainda são uma das maiores motivações para o trabalho dele. Durante a pesquisa para o livro sobre Aracelli, ele conta que foi muito ajudado pelo perito Asdrúbal de Lima Cabral, que atuava no caso, mas o resto das forças policiais não lhe davam o mesmo apoio, pelo contrário, criavam muitas dificuldades<sup>44</sup>. Ele conta que compreender aquilo era um grande objetivo:

Queria tentar entender, por exemplo, como é que caras ricos, cheios do dinheiro, carros do ano e etc, mataram a menina Aracelli? E ela foi violentamente devorada a dentadas, num festival de drogas, num prédio chamado Apolo. Esse prédio era para não acabar de construir mesmo. O sexto pavimento estava quase concluído, e o prédio não acabava porque era um centro onde os drogados ricos se reuniam e pintavam e bordavam. E, claro, não mataram apenas Aracelli. Antes, coisa que eu nunca consegui entender, porque a polícia não deixou, eles mataram outras pessoas ali (LOUZEIRO, 2013)<sup>45</sup>.

O caso teve tanta repercussão no país, que a data da morte da menina Aracelli, 18 de maio, é hoje o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A homenagem foi instituída pela Lei Federal 9.970, sancionada em 2000, após uma campanha pelos direitos da criança e do adolescente no Brasil<sup>46</sup>, realizada por entidades públicas e privadas do país, mobilizadas após um encontro promovido pela organização internacional ECPAT<sup>47</sup>, que luta pelo fim da prostituição e do tráfico de crianças para fins de exploração sexual.

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida ao autor em 01 de maio de 2013 (ver Anexo II).

<sup>45</sup> Idem.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.proderj.rj.gov.br/lutacontraabusodecriancas/>. Acessado em 29 de junho de 2013.

<sup>47</sup> O nome da organização vem da frase em inglês “End Child Prostitution, Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purposes” (Pelo fim da prostituição infantil, pornografia infantil e tráfico de crianças para fins de exploração sexual, em tradução livre). A entidade surgiu na Tailândia no início da década de 90 e passou a atuar globalmente nos anos seguintes. Disponível em: [http://www.ecpat.net/EI/Ecpat\\_history.asp](http://www.ecpat.net/EI/Ecpat_history.asp). Acessado em 29 de junho de 2013.

### 3.1.2 Na linha do jornal

Este quadro de repressão e censura, que chegava também aos livros e às telas de cinema, era percebido de forma ainda mais forte no dia a dia da redação dos jornais, e essa foi uma das razões para o jornalista fazer aumentar a lista de livros que publicava. Além disso, as linhas editoriais dos próprios veículos por que passou lhe impunham limitações ao trabalho.

José Louzeiro diz que não tinha liberdade para escrever como gostaria e que sempre se mantinha “na linha do jornal”<sup>48</sup>. Para ele, não haveria espaço nas páginas do jornalismo diário para trabalhos como alguns dos que transpôs para livro. “Eu jamais escreveria um livro como Aracelli dentro do jornal” (LOUZEIRO, 2013)<sup>49</sup>.

Ele critica inclusive o trabalho da imprensa na época, alega que os jornais impressos de São Paulo, como a Folha e o Estadão, foram mais enfáticos na abordagem do crime contra Aracelli do que os do Rio de Janeiro. Depois do livro, conta que recebeu ameaças por algum tempo, o que lhe deixava sempre alerta. “A vida do repórter de polícia é um sobressalto” (LOUZEIRO, 2013)<sup>50</sup>.

A vida de repórter de polícia, e não só de polícia, para ele não era apenas arriscada, mas também vinha carregada de dificuldades inerentes à rotina da profissão. Ele não dormia quase nada, vivia a base de largas doses de café, para dar conta de dois ou até três trabalhos ao mesmo tempo. No entanto, Louzeiro não acredita que as pesquisas e investigações que fazia para seus livros gerassem conflitos com seu trabalho de redação. Pelo contrário, foi o dia a dia da profissão que lhe inspirou para escrever vários dos títulos que levou às livrarias.

Segundo o escritor, seus livros são típicos de jornalista. “Eu fui sempre jornalista. Na redação e nos livros. Quem é o cara que vai escrever uma loucura dessas?”<sup>51</sup>, questiona, referindo-se ao livro que escreveu sobre a história de Lúcio Flávio.

Outra razão que Louzeiro aponta para a busca pelos livros é o caráter efêmero dos jornais, que chegam às bancas todos os dias e já deixam de ter validade na manhã seguinte. Ora têm a capacidade de derrubar ministros e governantes, ora servem meramente a embulhar peixes no comércio da esquina.

Para exemplificar essa característica da mídia impressa, o jornalista cita a situação da imprensa no Rio de Janeiro, que para ele hoje acabou. “Sempre soube que o jornal era

---

<sup>48</sup> Entrevista concedida ao autor em 01 de maio de 2013 (ver Anexo II).

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> Idem.



transitório. Você escreve no jornal hoje e amanhã você não só não sabe por onde ele anda, como ele ainda corre o risco de acabar” (LOUZEIRO, 2013)<sup>52</sup>.

Sua trajetória segue depois dos livros mais destacados da década de 70 para o meio audiovisual, onde emplacou dez roteiros no cinema e acabou indo escrever dramaturgia para a televisão. A primeira telenovela foi “Corpo Santo”, para a TV Manchete, em 1987, quando ganhou os prêmios de Melhor Novela e Melhor Autor, da Associação Paulista de Críticos de Arte<sup>53</sup>. Depois escreveu “Olho Por Olho”, do mesmo veículo, e foi para a Rede Globo, mas não passou muito tempo por lá, onde diz ter se desentendido com o marido da atriz Nivea Maria, Herval Rossano, em função das agressões do ex-diretor de TV à esposa.

Escreveu ainda uma minissérie chamada “O Marajá”, que retrataria o governo de Fernando Collor, mas foi proibida de ir ao ar em 1993, mesmo muitos anos após o fim oficial da censura. O jornalista diz que a proibição se deu porque “já deviam imaginar o que eles estavam fazendo”<sup>54</sup>, já que o objetivo do projeto era ridicularizar o ex-presidente. Outro detalhe destacado pelo escritor é que a Rede Globo também seria retratada na história.

Louzeiro viu a partir destes trabalhos que o audiovisual era também uma paixão, outra forma de expressar o que gostaria, aliado ao senso de realidade. Ele destaca que alguns de seus livros se aproximam da escrita de um roteiro, por terem uma carga maior de objetividade na forma. Na sua literatura, seu objetivo foi sempre retratar de alguma forma a realidade, usando a ficção como manifestação do real (LOUZEIRO, 2013)<sup>55</sup>.

Com muitos percalços no caminho, ele vive hoje num pequeno apartamento no Centro do Rio de Janeiro, no Largo de São Francisco. Uma das paredes de seu quarto, no décimo segundo andar do Edifício Patriarca, é coberta por livros do chão ao teto, enquanto outra é adornada por pinturas e desenhos que artistas fizeram dele ao longo de sua carreira.

O sofrimento deixou marcas físicas em José Louzeiro. A diabetes já lhe causou sérios transtornos, como a amputação da perna direita, de três dedos da mão direita, parte do pé esquerdo e a cegueira do olho direito, além da pouca visão no olho esquerdo. No entanto, José Louzeiro continua ativo, sendo consultado por profissionais do mundo do cinema, em que seu filho trabalha hoje em dia. Continua sendo homenageado em diversas ocasiões, como no mês de maio de 2013, quando o caso Aracelli completou 40 anos, e está republicando uma série de livros seus que fizeram sucesso em décadas passadas.

---

<sup>52</sup>Idem.

<sup>53</sup> Disponível em: <http://www.academiamaranhense.org.br/academicos/ocupantes/25.php>. Acessado em 13 de maio de 2013.

<sup>54</sup>Entrevista concedida ao autorem 01 de maio de 2013 (ver Anexo II).

<sup>55</sup>Idem.

O questionamento fundamental para a maior parte deles até hoje continua um mistério na sua cabeça: Por que uma pessoa chega ao ponto de matar? Apesar da dúvida não solucionada, ele pretende que seus livros sejam um sinal de liberdade e independência.

Meus livros representaram que, na minha doidice, eu posso dizer o seguinte: nem todo brasileiro, nem todo jornalista, é imbecil. Eu me coloco na pequena turma daqueles que sabem para que lado o vento sopra. Agora, ganhei o que com isso? Nada, você está vendo aqui, sou um cara pobre, não me queixo, estou muito bem. É sofrida a vida, mas eu costumo dizer que sou um doente saudável. Não tenho perna, não tenho nada, mas a cabeça funciona (LOUZEIRO, 2013).<sup>56</sup>

### 3.2 Caco Barcellos – Trovador da justiça

Quando a mãe de Cláudio Barcelos de Barcellos ia ao Centro de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, ele a acompanhava atento às placas de trânsito e aos letreiros das lojas que passavam pelo trajeto do ônibus. Na vizinhança da área em que moravam não havia escola pública para que ele pudesse estudar, então sua mãe aproveitava os 10 quilômetros do caminho do transporte público para lhe ensinar a dividir as sílabas das palavras<sup>57</sup>.

Nascido naquela cidade, no dia 5 de março de 1950<sup>58</sup>, Caco Barcellos só começou a frequentar a escola com nove anos, após a inauguração do primeiro colégio público da região, durante o governo de Leonel Brizola. No entanto, quando chegou às salas de aula, já sabia ler, pelos ensinamentos da mãe, que pouca escolaridade tinha<sup>59</sup>.

Enquanto se passavam os primeiros anos de estudo formal, Caco era auxiliar de seu avô, que trabalhava como carroceiro pela cidade. Seu pai se dividia entre dois ou três empregos para garantir o sustento da família, e sua mãe se dedicava à horta de casa, garantindo os legumes e vegetais frescos. A infância era humilde, mas envolta em afeto familiar e histórias contadas com muita emoção nos fins de semana.

Tanto seu avô, com quem presenciava muito do que seria contado no fim de semana, quanto seus tios eram trovadores. Vivenciavam o dia a dia de segunda a sexta-feira, para, no sábado e no domingo, contar as aventuras e cantar em conjunto com seus familiares e amigos.

<sup>56</sup>Idem.

<sup>57</sup>Entrevista concedida à revista Quem, em 21 de setembro de 2012. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2012/09/caco-barcellos-acho-morte-uma-sacanagem-edicao-628-21092012.html>. Acessado em: 08 de junho de 2013.

<sup>58</sup>Disponível em <http://www.museudatv.com.br/biografias/Caco%20Barcellos.htm>. Acessado em 08 de junho de 2013.

<sup>59</sup>Entrevista concedida à revista Quem, em 21 de setembro de 2012. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2012/09/caco-barcellos-acho-morte-uma-sacanagem-edicao-628-21092012.html>. Acessado em: 08 de junho de 2013.

Era nessas horas em que Caco via a diferença de percepção entre ele e seu avô. Ambos estavam juntos quando alguns daqueles fatos ocorriam, mas, enquanto ele via no episódio um tom dramático, seu avô narrava o evento como algo cômico, e vice-versa. Ao se deparar com as nuances de cada narrativa e a descrição emotiva de determinados fatos, começava a cativar dentro de si o gosto por contar histórias, que seria exacerbado com a entrada no jornalismo.<sup>60</sup>

Apesar de as circunstâncias da trova na infância do jornalista terem se dado no Rio Grande do Sul, as influências deste tipo de narrativa oral datam da Idade Média na Europa, como explica José de Nicola, em “Literatura brasileira: das origens aos nossos dias”:

O Trovadorismo, ou Primeira Época Medieval, é o período que se estende de 1189 (ou 1198) [...] até 1434. [...] Todos os textos poéticos dessa primeira época medieval eram acompanhados de música e normalmente cantados em coro, daí serem chamados de cantigas. [...] nos damos conta de que esse passado não morreu, [...] a cultura trovadoresca está presente até hoje, mesmo num país como o Brasil, que não viveu diretamente a Idade Média [...]. É evidente que a cultura trovadoresca sofreu contínuas modificações ao longo do tempo, adaptando-se aos diferentes ambientes sociais e às peculiaridades de cada país. (NICOLA, 2003, p.55-59)

Se o gosto pela leitura e pelas narrativas já estava presente na vida de Caco desde o início da juventude, a motivação de um de seus principais temas no futuro como jornalista e escritor também foi fruto de vivências dessa época. A violência das autoridades contra a população civil – principalmente frente às pessoas mais humildes da sociedade – não foi algo que viu apenas à distância.

Com 12 anos completos, sempre acompanhando os amigos do bairro, com quem jogava futebol e conversava até tarde da noite encostado a um muro da rua em que morava, Caco começou a ter que correr da polícia junto de outros jovens humildes que eram alvos do delegado violento da região, apelidado de “Doutor Barriga”(BARCELLOS, 2011a, p.25-31).

O delegado considera todo mundo suspeito. Ao prender alguém, sempre aplica o inverso da lei. Em vez de provar a culpa do suspeito, costuma exigir que o detido prove sua inocência. O meu maior medo é do batismo do Doutor Barriga. Quem é preso pela primeira vez é punido, no mínimo, com uma noite de castigo no xadrez da viatura” (BARCELLOS, 2011a, p.27)

A arbitrariedade da polícia já fazia parte da sua vivência quando entrou para o jornalismo. Entre o trecho narrado e o início de sua carreira como repórter, passaram-se mais de 10 anos. Ao chegar ao vestibular, influenciado pelos amigos, decidiu fazer engenharia.

<sup>60</sup>Entrevista concedida a Augusto Nunes, da revista Veja, em 27 de março de 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mVx6M9aBn xl>. Acessado em 08 de junho de 2013.

Como não obtive a classificação necessária, acabou indo estudar matemática, sua segunda opção<sup>61</sup>.

Estava há mais de dois anos no curso quando teve o primeiro contato com um jornal. O Centro Acadêmico de seu campus decidiu criar uma pequena publicação e ele foi o primeiro a se candidatar<sup>62</sup>. Rodeado por estudantes de engenharia e matemática, mais ninguém se ofereceu para participar da criação do jornal, até que um grupo de hippies apareceu interessado na ideia.

Enquanto ali faltava gente, mas havia dinheiro, os hippies tinham gente, mas lhes faltavam recursos financeiros para fazer um jornal. Aproximaram-se então, unindo o desejo de um lado com a necessidade de outro, e começaram o trabalho. No dia seguinte, Caco foi morar na comunidade hippie com o grupo e o jornal ficou mais hippie do que matemático<sup>63</sup>.

Enquanto isso tudo acontecia, ele vinha mantendo uma jornada paralela para ajudar a bancar os custos da universidade, que era particular. Desde os 18 anos, quando tirou a carteira de motorista, trabalhava como taxista. Ali também estava uma fonte não só de dinheiro, como também de histórias que ele gostava de contar para os amigos. Foram cinco anos atuando como taxista, período em que chegou a ficar em oitavo lugar em um concurso promovido pela prefeitura, cujo objetivo era averiguar quais taxistas conheciam melhor a cidade<sup>64</sup>.

Nas horas que tinha livres entre as aulas de matemática e o trabalho de taxista, produzia e vendia de mão em mão o jornal hippie. Até que, certa vez, o jornalista Jefferson Barros, que trabalhava na Folha da Manhã, comprou e gostou do texto de Caco. Explicou-lhe que o grupo Caldas Júnior, dono da Folha, estava fazendo uma reformulação no jornal e o convidou para fazer um estágio na redação.

Me perguntaram se eu tinha faculdade. Eu disse: “lógico que tenho”. Só não disse qual era. Tentaram me botar como redator de política internacional. No segundo dia tive a oportunidade de fazer sei lá que matéria, fui para a rua e nunca mais saí (BARCELLOS, 2011).<sup>65</sup>

Entrou como estagiário e saiu como repórter, junto com boa parte da equipe do jornal,

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> Entrevista concedida a Dráuzio Varella, em 25 de março de 2013. Disponível em <http://drauziovarella.com.br/audios-videos/caco-barcellos/>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Entrevista concedida à revista Quem, em 21 de setembro de 2012. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2012/09/caco-barcellos-acho-morte-uma-sacanagem-edicao-628-21092012.html>. Acessado em: 08 de junho de 2013.

<sup>65</sup> Entrevista concedida a Augusto Nunes, da revista Veja, em 27 de março de 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mVx6M9aBnXl>. Acessado em 08 de junho de 2013.

após uma reportagem que retratava os maus tratos a que eram submetidos os detentos do posto policial da Vila Rio Branco, em Niterói, Grande Porto Alegre (BARCELLOS, 2011a, p.49-54).

Nesse período da Folha da Manhã, pôde constatar não só as arbitrariedades da polícia com a população mais pobre, como também os traços da censura que acometia os meios de comunicação no Brasil. O início do trabalho no grupo Caldas Júnior se deu em 1972 e terminou em 1975. Ao longo dos três anos, a editoria de polícia do jornal passou por uma mudança relevante.

Ao se envolver mais de perto com o dia a dia da redação e com a atuação da censura, Caco e a equipe com que trabalhava perceberam que os censores não davam muita atenção à seção policial do jornal, já que o costume era que saíssem notícias sobre trabalhadores de baixa renda acusados de algum crime. Notada a brecha, começaram a escrever reportagens sobre todo tipo de violência, inclusive a praticada pelo estado contra os civis, que era muito intensa naquele período de ditadura.<sup>66</sup>

Em uma dessas matérias jornalísticas, Caco descreveu uma atividade que ocorria frequentemente no posto policial da Vila Rio Branco, onde policiais jogavam “futebol” com os presos, aplicando-lhes chutes e pontapés em várias partes do corpo. Após a publicação do texto, em duas páginas, na Folha da Manhã, o repórter foi convocado a dar explicações ao Comando da Polícia Militar. O resultado foi a demissão do editor da reportagem, Licínio de Azevedo, que contou com a solidariedade de boa parte da redação (BARCELLOS, 2011a, 50-54). No dia seguinte, deixaram o jornal 22 repórteres, que criaram a primeira cooperativa de jornalistas do Rio Grande do Sul<sup>67</sup>.

A partir da demissão fruto da censura, Caco se transfere para São Paulo, mas não se fixa na cidade. Sua trajetória caminha pela imprensa alternativa e, principalmente, pelo trabalho de *freelancer*, acompanhando guerras e revoluções por toda América Latina.

Já trazia consigo o gosto pela escrita e por contar histórias, mas só chegaria ao primeiro livro depois de muita estrada percorrida. Em 1976, estava na Guatemala quando houve um grande terremoto, com cerca de 26 mil mortos. Tinha alguns contatos na imprensa de São Paulo e fez uma série de reportagens para o Jornal da Tarde, que publicou matérias de duas páginas durante uma semana.

Com o dinheiro da série especial, Caco pôde alugar seu primeiro apartamento na

---

<sup>66</sup>Entrevista concedida a Draúzio Varela, em 25 de março de 2013. Disponível em <http://drauziovarella.com.br/audios-videos/caco-barcellos/>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>67</sup>Idem.

cidade paulista, onde até então morava no porão da revista *Versus*, que ajudara a criar junto com o jornalista Marcos Faerman<sup>68</sup>. Dali, partia para fazer as matérias para a publicação e para outros veículos da grande imprensa como *freelancer*, para garantir recursos financeiros.

Em 1978, foi morar em Nova York, onde passou a assistir documentários na televisão sobre as guerrilhas na América Central. Interessado no assunto, queria ver de perto aquelas realidades, mas o dinheiro não chegava para isso. Passou a trabalhar como garçom em um restaurante da cidade norte-americana para juntar dinheiro e poder fazer a cobertura jornalística daqueles eventos<sup>69</sup>.

No ano seguinte, foi em direção à Nicarágua, onde vivenciaria parte da revolução sandinista, que culminou com a vitória dos revoltosos em 19 de julho de 1979 (BARCELLOS, 1982, p.114). Foi a vivência dessa experiência que deu origem ao seu primeiro livro, publicado em 1982: “Nicarágua – a revolução das crianças”.

Boa parte do tempo em que acompanhou a guerra, Caco esteve junto de uma das colunas de combate do movimento sandinista, liderada por um jovem de 13 anos, chamado Zapote. Antes de passar a seguir caminho com aquele grupo formado em sua maioria por meninos, ele foi recebido como inimigo pelos garotos, que o fizeram de prisioneiro no primeiro momento. O gosto pela vivência daquele turbilhão que passava pelo país e sua visão daquele grupo que representava a revolução popular contra um ditador genocida estão claros em seu livro. Um exemplo é a narrativa do momento de sua prisão:

Com quinze minutos ali, me dei conta de que estava no lugar onde havia planejado chegar. [...] Não tinha dúvidas: não havia motivos para forçar a libertação. Ao mesmo tempo, sentia vergonha de ser prisioneiro daquelas pessoas que eu admirava, no mínimo pela fé, pela coragem e pelo amor que os unia. (BARCELLOS, 1982, p.79)

A busca por dar voz ao povo, aos injustiçados, já era uma marca sua, que ficaria cada vez mais forte ao longo do tempo. Quando voltou ao Brasil, foi trabalhar na revista *IstoÉ*, e depois foi para a *Veja*, onde ficou por um ano e meio. Em 1976, tinha recebido um convite do jornalista Luiz Fernando Mercadante para trabalhar na TV Globo, mas ainda não sentia interesse pela televisão. Depois do período nos Estados Unidos e das viagens pela América Central, começou a se interessar pelo veículo, mas só entrou na empresa em 1982<sup>70</sup>, mesmo

<sup>68</sup> Entrevista concedida a Augusto Nunes, da revista *Veja*, em 27 de março de 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=opoNO4Vg-CE>. Acessado em 08 de junho de 2013.

<sup>69</sup> *Idem*.

<sup>70</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-258835,00.html>. Acessado em 09 de junho de 2013.

ano da publicação de seu primeiro livro.

Ali começaria a vivenciar de forma mais presente as arbitrariedades da polícia militar de São Paulo contra os civis. Os assassinatos de trabalhadores inocentes e a brutalidade com os suspeitos de crimes quaisquer deixavam Caco muito incomodado, a tal ponto que começaram a germinar nele o desejo de fazer uma nova investigação profunda, cujo resultado foi o seu segundo livro, “Rota 66 – a história da polícia que mata”, publicado em 1992.

Em determinado momento da carreira, o jornalista começou a passar por uma séria crise em relação à profissão, acreditava que não deveria mais ser repórter, se aquele quadro de brutalidade de execuções continuasse sem que ele fizesse um trabalho mais relevante<sup>71</sup>.

Até então, ele fazia denúncias em suas reportagens do dia a dia, muitas que acabavam gerando investigações, mas os punidos eram sempre os que apertavam o gatilho, quando, na sua visão, havia um sistema que mantinha a perseguição violenta e as execuções como política de estado. Em crise, num momento em que a polícia militar já contava com 12 mil mortos em sua ficha<sup>72</sup>, decidiu começar a preparação do livro que denunciou os métodos abomináveis de parte da tropa de elite da polícia militar de São Paulo.

Foram sete anos de apuração, investigação e pesquisa, incluindo o tempo que levou para terminar o texto, até que o livro fosse publicado<sup>73</sup>. Seu desejo era que a sociedade visse aquelas atrocidades e que a denúncia tivesse contundência o suficiente para afetar o comando das operações policiais do estado, que frequentemente parabenizava e dava recomendações aos maiores matadores da tropa (BARCELLOS, 2011a, p.184).

Ao começar a fazer este livro, meu objetivo era denunciar a ação de matadores oficiais contra os civis envolvidos em crimes na cidade. O balanço final do meu trabalho, em junho de 92, acabou surpreendendo a mim mesmo. Os criminosos não representam a maioria entre as pessoas mortas pelos policiais militares. O resultado da minha investigação, que abrange o período de 22 anos de ação dos matadores, mostra que a maior parte dos civis mortos pela PM de São Paulo é constituída pelo cidadão comum que nunca praticou um crime: o inocente. (BARCELLOS, 2011a, p.327)

Desenvolvida em paralelo ao trabalho na televisão, onde começou no Globo Repórter, a publicação chegou às livrarias em setembro de 1992, um mês antes do massacre do Carandiru. No livro, Caco nomeia os maiores matadores da polícia militar de São Paulo e

<sup>71</sup>Entrevista concedida a Draúzio Varella, em 25 de março de 2013. Disponível em <http://drauzioarella.com.br/audios-videos/caco-barcellos/>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>72</sup>Idem.

<sup>73</sup>Idem.

detalha seus métodos, além de trazer depoimentos de pessoas que presenciaram algumas das execuções realizadas pelos policiais.

A repercussão do livro foi grande, e o movimento de defensores das práticas violentas da tropa de choque policial também se sobressaiu. Quando vieram à tona as denúncias feitas pelo jornalista, muitos dos “filósofos da violência”, como Caco os chama, se valeram do espaço que tinham nos meios de comunicação para atacá-lo. O início da campanha para desmoralizá-lo estava começando deixá-lo assustado<sup>74</sup>, quando uma ação da mesma polícia que denunciara acabou por ratificar tudo que havia dito no livro.

Cerca de um mês após a publicação, o Carandiru foi palco de um massacre dos detentos que ali se encontravam. Em outubro de 1992, foram mortos 111 presidiários naquele local. As duas unidades de elite da polícia paulista que entraram no presídio naquela ocasião, o Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE) e a Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE), eram comandadas por dois dos maiores matadores da polícia estadual de São Paulo. Um deles ocupava o quinto lugar e outro o quarto na lista feita por Caco Barcellos no livro. A barbárie ocorrida ali era, nas contas do jornalista, próxima da média mensal de mortes causadas pela polícia militar paulista, que variava de 115 a 120 pessoas.<sup>75</sup> A tragédia acabou tirando-o do foco dos acusadores.

Os riscos envolvidos na apuração de temas delicados, que envolvem pessoas poderosas e toca em pontos pouco explorados na mídia convencional, não são fatores que deixam o jornalista apreensivo em relação ao seu futuro<sup>76</sup>.

Seu desejo com a publicação do segundo livro, que foi sendo desenvolvido ao longo de suas coberturas jornalísticas pela Rede Globo, era denunciar os responsáveis pela implantação do sistema de violência e brutalidade em alguns setores da segurança pública em São Paulo.

Das histórias que ouvia seu avô contar na infância e da influência das trovas em sua vida, o que Caco valoriza como seu maior legado, presente no trabalho televisivo e em livro, é a busca pela justiça social, um quadro de maior equidade e o respeito aos direitos de cada indivíduo, seja ele quem for, independente do contexto em que esteja inserido.

O livro sobre as práticas brutais da tropa de elite da polícia militar de São Paulo, a Rondas Ostensivas Tobias Aguiar (ROTA), lhe rendeu o prêmio Jabuti de livro do ano de não

---

<sup>74</sup>Idem.

<sup>75</sup>Idem.

<sup>76</sup>Entrevista concedida à revista Trip, em 05 de fevereiro de 2009. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/168/paginas-negras/caco-barcellos.html>. Acessado em: 09 de junho de 2013.



ficção em 1993<sup>77</sup>.

Apesar de ainda não estar com um novo livro em mente nesta época, suas andanças pelos morros em busca de reportagens e informações sobre como viviam as populações carentes dessas regiões já eram frequentes desde 1975<sup>78</sup>. As apurações realizadas nesses locais para a produção de matérias geraram nele um desejo de fazer uma grande reportagem sobre alguma dessas favelas, mas a escolha e as oportunidades não chegaram ao mesmo tempo.

Ainda no ano do prêmio Jabuti pelo segundo livro, tentou começar uma apuração mais profunda na favela do Acari, na zona Norte do Rio de Janeiro, onde havia ocorrido uma chacina de 11 pessoas em 1990, a maioria com menos de 20 anos de idade<sup>79</sup>. No entanto, pouco depois o exército realizou a primeira grande operação nos morros do Rio<sup>80</sup>. Chegou a tentar também uma entrada na Rocinha, mas teve problemas para dar continuidade à proposta.<sup>81</sup>

Passados alguns anos, viria a oportunidade para fazer a reportagem que gostaria sobre aquela realidade. Em 1996, conheceu o traficante Marcinho VP na Polinter, onde o criminoso ficou preso depois de uma polêmica entrevista concedida a três jornalistas dos principais jornais da cidade, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Dia* (BARCELLOS, 2011b, p.338-360). Aquele primeiro encontro não deixou nada definido para Caco, mas seria o início de um relacionamento que despontaria na escrita de seu terceiro livro, “Abusado – o dono do morro Dona Marta”, publicado em 2003.

Naquele primeiro encontro, o jornalista já havia demonstrado seu interesse em fazer uma reportagem dentro de uma boca de cocaína (BARCELLOS, 2011b, p.460), mas a proposta do livro seria desenvolvida a partir de uma conversa entre os dois, em 1999. O traficante propôs que ele escrevesse um livro sobre a história de sua vida, principalmente para que seu filho não seguisse o caminho do tráfico. Caco contrapropôs escrever um livro sobre a quadrilha inteira, o que acabou acontecendo (BARCELLOS, 2011b, p.460).

Desde 1997<sup>82</sup>, ele colaborava com o programa semanal *Espaço Aberto*, da *Globo News*, em que buscava fazer reportagens sobre “iniciativas edificantes, de pessoas anônimas,

<sup>77</sup>Disponível em: <http://www.premiojabuti.com.br/content/pr%C3%AAmio-1993>. Acessado em: 09 de junho de 2013.

<sup>78</sup>Entrevista concedida à editora Record, em 2003. Disponível em: <http://www.observatoriadainpress.com.br/artigos/all70620031.htm>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>79</sup>Disponível em: <http://www.redecontraviolencia.org/Casos/1990/213.html>. Acessado em: 09 de junho de 2013.

<sup>80</sup>Entrevista concedida à editora Record, em 2003. Disponível em: <http://www.observatoriadainpress.com.br/artigos/all70620031.htm>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>81</sup>Idem.

<sup>82</sup>Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYP0-5271-258835,00.html>. Acessado em: 09 de junho de 2013.

nas áreas de pobreza do país” (BARCELLOS, 2011b, p.451). O trabalho envolvia a entrada em morros e lhe dava uma familiaridade maior com a realidade que viria a retratar em livro. O material colhido por ele durante a guerra de 1987<sup>83</sup> no morro Dona Marta também lhe serviria como fonte para a história. Mas foi entre 1999 e 2003 que o livro se desenvolveu efetivamente, com o propósito de se tornar um produto. A escrita se deu nos últimos 16 meses desse período, e a apuração só terminou no último dia antes de ir para a gráfica, de acordo com o escritor<sup>84</sup>.

O livro retrata muitos integrantes do Comando Vermelho que estavam no domínio do morro Santa Marta, mas a linha central acompanha o traficante Marcinho VP, que no livro é chamado de Juliano VP. Para Caco, contar aquela trajetória era poder levar luz a uma realidade muito pouco conhecida fora de suas próprias fronteiras:

Juliano representou uma oportunidade de contar a história de uma quadrilha da terceira geração do Comando Vermelho, a que levou a organização a controlar o comércio ilegal de drogas nos morros do Rio. Outro componente importante da minha motivação foi o ambiente de formação da quadrilha. A favela Dona Marta é um dos lugares de maior concentração humana do mundo. Parece uma grande família de doze mil pessoas, que vivem grudadas umas às outras numa área relativamente pequena, do tamanho da Cinelândia. Todas se conhecem, todas são testemunhas das histórias que, por absoluta falta de espaço, sempre acontecem perto de todo mundo. Um ambiente riquíssimo para quem gosta de ouvir e contar histórias, uma oportunidade que eu perseguia há muitos anos, desde a primeira grande guerra do tráfico, em 1987 (BARCELLOS, 2003)<sup>85</sup>.

Publicado em 2003, o livro venceu o prêmio Jabuti de 2004 nas categorias “reportagem” e “livro do ano de não ficção”<sup>86</sup>. Foi sucesso de crítica e público, mas por pouco não deixou de ser levado adiante. No fim do ano 2000, quando Caco já estava fazendo entrevistas e colhendo depoimentos para o livro, o cineasta e filho de banqueiro João Moreira Salles procurou autoridades da Secretaria de Segurança Pública do Rio para confessar que pagava uma mesada ao traficante Marcinho VP, para que deixasse o crime, e falou também do livro que estava sendo escrito até então em sigilo (BARCELLOS, 2011b, p.480).

Caco chegou a espalhar a notícia de que havia desistido do livro depois desse episódio, mas continuou o trabalho após a poeira baixar com a ajuda de duas repórteres, Andrea

<sup>83</sup>Em 1987, a favela do morro Dona Marta foi palco de uma grande guerra interna, em que dois grupos, um liderado por Zaca e outro pelo assaltante Cabeludo, disputaram o controle do tráfico na região (BARCELLOS, 2011b, p.99-129)

<sup>84</sup>Entrevista concedida à editora Record, em 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/all70620031.htm>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>85</sup>Idem.

<sup>86</sup>Disponível em: <http://www.premiojabuti.com.br/content/pr%C3%AAmio-2004>. Acessado em 16 de junho de 2013.

Wealbaum e Sonia Oliveira Pinto<sup>87</sup>. Dois meses depois da publicação do livro, o traficante Marcinho VP foi encontrado morto dentro de uma lata de lixo na prisão em que estava detido, coberto por livros que gostava de ler, mas o jornalista não acredita que o assassinato tenha sido influenciado por informações contidas em seu trabalho, já que aquelas histórias eram do conhecimento dos dirigentes do Comando Vermelho e dos que frequentavam a favela (BARCELLOS, 2011b, p.555-557).

Para escrever o livro, Caco teve que abdicar de boa parte de seu tempo livre. Foram três anos de jornada dupla entre a TV Globo e o livro, todos os fins de semana e mais dois períodos de férias para terminar o trabalho: “Minha maior recompensa, independentemente do resultado, foi a conquista da confiança” (BARCELLOS, 2011b, p.467).

O jornalista já admirava o trabalho de outros repórteres que, além de tocarem em temas importantes, buscavam dar personalidade ao texto, como Ricardo Kotscho, Octávio Ribeiro e Fernando Moraes, entre outros. Estes foram alguns dos jornalistas brasileiros que o influenciaram, enquanto que em relação aos estrangeiros teve como modelo nomes como Jack London, Gay Talese, Hemingway e Truman Capote. Tamanho era o desejo em desenvolver uma narrativa envolvente como a destes escritores, que Caco chegou a ler 37 vezes o livro “A Sangue Frio”, de Truman Capote, buscando compreender como ele encadeava os parágrafos, os diálogos e etc<sup>88</sup>.

Além do gosto pela escrita e da influência trovadoresca de seus tios e de seu avô, as limitações inerentes ao trabalho diário de um profissional de redação também foram fatores determinantes para que buscasse a publicação editorial. A ausência de barreiras – ou a falta de censura – importou bastante para que Caco escrevesse os três livros:

Ali você é dono do seu nariz, da sua história, isso eu acho que me motiva mais. Porque, evidentemente, em nenhum veículo, se você não é o dono dele, você tem a liberdade plena. Faz parte do nosso universo isso (BARCELLOS, 2011)<sup>89</sup>.

### **3.3 Arnaldo Bloch – Debatedor judaico-africano**

As idas à Rua do Russel, na praia do Flamengo, onde funcionava a sede da Manchete desde 1968, foram importantes momentos para a vida do jovem Arnaldo Bloch, que nascera

<sup>87</sup>Entrevista concedida à editora Record, em 2003. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/all70620031.htm>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>88</sup>Entrevista concedida a Drauzio Varella, em 25 de março de 2013. Disponível em

<http://drauziovarella.com.br/audios-videos/caco-barcellos/>. Acessado em 09 de junho de 2013.

<sup>89</sup>Entrevista concedida a Augusto Nunes, da revista Veja, em 27 de março de 2011. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=j-k0e042F1g>. Acessado em 08 de junho de 2013.

três anos antes de o primeiro prédio de frente para o mar ser inaugurado. Apesar de suas primeiras lembranças referentes ao império de comunicações de sua família estarem localizadas no edifício projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, Arnaldo já havia fotografado para três edições diferentes de publicações do grupo no período entre 20 de abril de 1965, quando nasceu, e a data de inauguração da nova instalação do grupo. Com um ano de idade, Arnaldo foi capa da revista *Manchete* completamente nu, de forma que, ainda antes de articular uma frase e sem a intenção que o acompanharia no futuro, conseguiu fazer uma das coisas que mais lhe instigaria nos anos seguintes ao seu crescimento e à sua intromissão no mundo do jornalismo e da literatura: gerar debates.

Anos depois da fatídica capa de revista, o jovem sobrinho-neto de Adolpho Bloch passou a ver naquelas redações algo que fazia sentido para ele. Entre baforadas de cigarro dos mais velhos, o burburinho das máquinas de escrever e o “espírito borbulhante” do ambiente daquela época, ele começava a se inserir no meio jornalístico, mesmo que de forma não premeditada<sup>90</sup>.

Daquele convívio com intelectuais e nomes poderosos não só na redação da *Manchete*, mas também pela casa da família na Rua Cinco de Julho (BLOCH, 2008, p.109-112), em Copacabana, uma figura em especial se destacaria sob seus olhos, e seria um de seus “mentores” na área literária, dos doze anos até os dias atuais. O jornalista, escritor e dramaturgo Carlos Heitor Cony, que teve longa passagem pelo grupo da família Bloch antes de se tornar um dos principais nomes da Folha de São Paulo.

Entre o ano de 1977 e 1978, quando o Brasil ainda permanecia sob o comando do general Ernesto Geisel, no início do declínio do regime militar, Arnaldo começou a frequentar a casa de Cony, que lhe indicava livros importantes para sua formação literária e com ele travava conversas que marcaram o futuro do jornalista e escritor.

Em uma dessas visitas, Cony lhe mostrou o quadro de Goya *Saturno devorando um filho*, e explicou que se via um pouco como o pintor espanhol. Na revista *Manchete*, ele pintava a côrte, enquanto na literatura mostrava os monstros devoradores de filhos. Essa imagem, aliada aos muitos romancistas indicados pelo mentor – muitos deles russos, como Tolstói, Dostoiévski, entre outros –, seria uma prévia da incitação à sua entrada no mundo das letras.

O gosto pela leitura logo contagiou sua paixão pela criação e em pouco tempo começava a sonhar com um futuro literário. Primeiro escrevia contos e um pouco mais tarde

---

<sup>90</sup> Entrevista concedida por Arnaldo Bloch ao autor, em 05 de fevereiro de 2013.

se interessou por tentar a escrita teatral. Nas duas searas, suas primeiras incursões não foram bem recebidas pelos interlocutores escolhidos. Um dos contos iniciais, que retratava um rei solitário em seu castelo, cercado de pessoas humildes no campo, onde vivia um mendigo e seu filho, foi levado ao tio-avô todo poderoso Adolpho, que, segundo Arnaldo, trazia algumas semelhanças com o imperador miserável da história. A reação do chefe do clã, tipicamente enfatizada pelo furor das raízes soviéticas, foi o papel amassado e jogado no chão, seguido de um cuspe na mesma direção e alguns improperios pronunciados com sua voz anasalada.

A tentativa teatral aos 14 anos também não teve o retorno que ele esperava, apesar de não repetir a grosseria e a ênfase de seu tio-avô. Desta vez, o interlocutor foi ninguém menos que Nelson Rodrigues, que o recebeu em sua casa em Copacabana. O texto foi entregue em mãos, mas, passado um mês, nenhuma resposta ou comentário tinha vindo. Arnaldo procurou Nelson novamente, esperançoso e ansioso por sua avaliação, mas tudo que ouviu de volta foram poucas palavras, nada alentadoras: “Leia Tolstói, leia Dostoiévski, leia os russos. Deus te abençoe, meu filho”<sup>91</sup>.

Os dois episódios não fizeram com que ele quisesse desistir, mas a ducha de água fria funcionou para que buscasse sua própria estrada. Nas dúvidas comuns da juventude, acabou optando pelo caminho com que tinha mais afinidade no momento da escolha do curso universitário. Começou a estudar jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ, apesar do gosto por química industrial e por astrofísica. Como a criação era seu foco, achou que ali poderia trilhar um rumo interessante.

Ainda na faculdade, onde um novo mundo se abriu a seus olhos, teve contatos mais íntimos também com a música, depois de criar uma banda. Ali começou a formar novas amizades, fora do círculo de relações familiares e da escola judaica. No meio daquela profusão de pós hippies remanescentes, entre eles o jovem Cláudio Besserman Vianna, depois nacionalmente conhecido como Bussunda, teria algumas crises existenciais. Pensou em deixar o jornalismo para se dedicar à música, mas acabou se convencendo, depois de fazer análise, que deveria necessariamente passar pela estrutura familiar em seu caminho antes de dar novos passos.

Entre idas e vindas, fez um estágio na redação da revista Manchete, onde viria a trabalhar depois de formado. Passada uma fase de angústia após a conclusão do curso universitário, resolveu dedicar-se enfim à Manchete, onde trabalhou de 1986 até 1993, período em que passou também pelos cargos de editor da revista feminina Sétimo Céu e de

---

<sup>91</sup>Idem.

representante e correspondente da Manchete em Paris, onde ficou de 1991 a 1993.

O primeiro livro só viria cinco anos depois de começar a trabalhar na redação do jornal O Globo, onde chegou logo após sair de Manchete. O conglomerado de mídia de sua família ainda não havia ruído, mas ele percebera o rumo que a empresa estava tomando, além de sentir a necessidade de percorrer uma estrada independente, com as próprias pernas, para se afirmar. “Eu precisava correr riscos, saber quem eu sou fora do útero da família” (BLOCH, 2010)<sup>92</sup>.

Ali chegou com 28 anos, em 1993, pouco tempo depois da ebulição política que havia tomado o país com o impeachment de Collor. A inflação ainda era um problema complicado, que começaria a ser combatido de forma eficaz com o lançamento de um plano econômico no fim do ano, pelo então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso. Duas chacinas marcariam o Brasil naquele ano, a de Vigário Geral, com 21 mortos, e a da Candelária, com sete meninos de rua mortos. No resto do mundo, alguns fatores marcantes foram o Prêmio Nobel da paz para Nelson Mandela, o aperto de mão histórico entre o líder palestino Yasser Arafat e o primeiro-ministro de Israel, Yitzhak Rabin, e a posse do presidente americano Bill Clinton.

Vindo da cobertura do cenário internacional após o período de dois anos na França, ele passa a editar o caderno Boa Chance do jornal O Globo, de onde sai para chefiar a sucursal do jornal carioca em São Paulo. Foi lá onde começou a escrever seu primeiro livro efetivamente, além de alguns textos e contos que produzia anteriormente, mas não levava a público.

Arnaldo conta que não se adaptou muito bem à cidade paulistana, enquanto mantinha um noivado com uma moça do Rio. Então aproveitava suas noites livres para se dedicar à literatura. Dali surgiu seu primeiro livro, “Amanhã a Loucura”, publicado pela editora Nova Fronteira, em 1998. Foram dois anos do início da escrita até sua efetiva publicação, passando no meio do caminho pelas mãos de Carlos Heitor Cony, que fez algumas observações no sentido de que ele buscasse manter a linha que se propusera no início do livro, mas acabara se desviando no meio do caminho.

Depois da conversa com o Cony eu percebi que tinha que criar ali um truque. Truque no bom sentido; pegar aquilo que estava se transformando no formal, no careta, e colocar dentro da roda do delírio. Aí eu descobri o livro como eu realmente gostaria (BLOCH, 2013)<sup>93</sup>.

<sup>92</sup>Entrevista concedida por Arnaldo Bloch a Ramon Mello, em 14 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10272>. Acessado em: 02 de junho de 2013.

<sup>93</sup>Entrevista concedida ao autor, em 05 de fevereiro de 2013.

Com a ajuda de seu mentor, Arnaldo conseguiu um editor para publicar a obra, que teve boa repercussão crítica, mas não vendeu bem. Aquele primeiro título de sua lista era, em sua visão, uma autobiografia disfarçada, uma história sobre a busca da própria identidade<sup>94</sup>.

Em paralelo a esse processo de escrita em São Paulo até a chegada às livrarias, o autor voltou ao Rio, onde inicialmente passou a responder pela editoria do Segundo Caderno do jornal O Globo.

Nesse período, que durou dois anos até a promoção seguinte, escreveu seu segundo livro, também de ficção, e também bastante autorreferente. “Talk Show”, que foi escrito em nove meses, trata de um judeu negro, “falasha”, de olhos azuis, que tinha de alguma forma questões atávicas similares às suas. “Usei uma máscara judaico-africana para esconder ainda mais a identidade” (BLOCH, 2010)<sup>95</sup>.

Seriam os primeiros passos em busca de se entender melhor, compreender o significado de sua família e de seu pertencimento a ela. Ali, naquele livro publicado no ano 2000, pela editora Companhia das Letras, estava o embrião do que seria seu maior sucesso literário e também um retrato de uma família que marcou a história política e de comunicação no Brasil: “Os Irmãos Karamabloch”, que só chegou às livrarias em 2008, mas começou a ser escrito em 2001. Além de ser uma premissa para o livro sobre a família Bloch “Talk Show” foi bem recebido pelos críticos, que viram nele um forte traço de transgressão, característica que vinha movimentando o setor cultural paulista, e lhe rendeu um convite para participar de uma coletânea de contos. O livro, publicado pela editora Nova Alexandria, foi organizado por Nelson Oliveira, sob o título “13 Maneiras de amar – 13 Histórias de Amor”, em 2001.

Pouco depois de “Talk Show” ser publicado, Bloch foi alçado ao posto de editor executivo de cultura do jornal O Globo, passando a coordenar os cadernos Ela, Prosa&Verso, Segundo Caderno, Revista da TV, Rio Show, e mais alguns. As atribuições seriam maiores, mas ele também aceitara um convite do crítico de artes plásticas e de literatura Wilson Coutinho, para escrever um dos livros da coleção Perfis do Rio, que estava sendo lançada pela editora Relume Dumará.

Com o prazo de quatro meses para escrever o perfil de Fernando Sabino, com quem ele se encontraria apenas uma vez para o desenvolvimento do livro, o tempo de pesquisa e escrita foi também determinante para um redirecionamento na carreira jornalística.

Ele se envolveu bastante com o livro, apesar da quase nula perspectiva financeira.

---

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Entrevista concedida por Arnaldo Bloch a Ramon Mello, em 14 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10272>. Acessado em: 02 de junho de 2013.

Recebeu R\$ 1 mil reais para pesquisa – que foram inteiramente repassados para uma pessoa contratada para buscar informações em arquivos – e nenhum adiantamento. Entrevistou muitas pessoas que conviveram com o escritor mineiro, já que o próprio Sabino recusara-se a recebê-lo após o primeiro encontro, por saber que ele estivera conversando com uma de suas ex-mulheres e achar que seu enfoque seria demasiado invasivo, coisa que não era verdade<sup>96</sup>. Escreveu o livro, em que pôde exercitar a estética de sua escrita ao mesmo tempo em que tratava de fatos e de uma história real. O resultado o agradou, mas suas consequências não foram tão agregadoras. “Foi horrível. Na verdade, eu destruí minha carreira de executivo em função disso. Eu tinha que estar muito mais concentrado nessa nova atividade. Então o livro acabou me prejudicando mesmo” (BLOCH, 2013)<sup>97</sup>.

Depois desse período, ele conta que os diretores do jornal, Ali Kamel e Merval Pereira, o chamaram para conversar a respeito do peso do trabalho de executivo sobre suas costas e perguntaram se ele preferia se manter mais ligado à escrita. Arnaldo concordou que era o que mais lhe instigava e passou a ser repórter especial do jornal, mas precisou se desligar temporariamente, em função do alto salário que recebia. Para que pudesse manter o ganho no mesmo nível, precisaria ser contratado como pessoa jurídica, já que o valor pago mensalmente não era compatível com os salários de repórter.

Assim ficou por algum tempo, mas seu objetivo era se firmar como um texto autoral dentro do jornal, então começou a produzir em grande quantidade, em ritmo veloz, o que fez com que a empresa optasse por reintegrá-lo ao corpo de funcionários, para não ter problemas com a área de recursos humanos. Dali aos anos seguintes, criou novos formatos, páginas especiais para eventos particulares, fez uma sátira ao horário eleitoral gratuito. Começou a forjar o espaço que lhe seria aberto para ter uma coluna no Segundo Caderno, como realmente veio a acontecer.

Enquanto isso, já havia começado as pesquisas e o desenvolvimento de “Os Irmãos Karamabloch”, depois de apresentar um projeto de vinte páginas para o editor da Companhia das Letras, Luiz Schwarcz, que gostou da ideia e topou bancá-la. Arnaldo previu que levaria dois anos para escrever o livro, o editor achava que ele levaria quatro. O livro ficou pronto em sete anos.

Ao fecharem o acordo, Bloch recebeu um adiantamento de sua parte sobre uma

---

<sup>96</sup>Entrevista concedida ao autor em 05 de fevereiro de 2013.

<sup>97</sup>Idem.



tiragem de cinco mil livros, além de R\$ 2 mil para pesquisas<sup>98</sup> e todas as despesas pagas de sua viagem à Ucrânia para investigar a origem de sua família, na pequena cidade de Jitomir.

Um dia depois do atentado às Torres Gêmeas em Nova York, ele estava preparando as malas para a viagem que faria à Europa em busca de informações para o livro. Seu voo era no dia seguinte, mas, apesar dos inúmeros cancelamentos por todo mundo, ele se manteve fiel aos planos (BLOCH, 2008, p.23).

Durante as pesquisas e o desenvolvimento da obra, sua vida passou por várias reviravoltas. Para Arnaldo Bloch, a escrita dos livros nasceu de projetos pessoais. O desejo de criar, inventar, desenvolver uma estética própria e compreender mais profundamente a si mesmo são fatores fundamentais para que parta do dia a dia de redação para os livros. É este mesmo objetivo que o faz tentar trazer para os textos jornalísticos algo mais além de fatos e versões.

O Ruy Castro me falou na época: “Você não acha uma maravilha poder reunir milhões de informações e chegar ao âmago da verdade?”. E eu pensava: “Não, eu acho horrível. Esse negócio destruiu a minha vida. Me separei, acabei com meu casamento, engordei, o jeito que eu fiquei. Achei uma tortura. Não conseguiria fazer isso todo ano, ou a cada dois anos. Teria que me organizar, mas eu não sou um cara organizado (BLOCH, 2013)<sup>99</sup>”.

Apesar das dificuldades que se abateram sobre ele durante o caminho, o livro foi sucesso de crítica e de público, chegando a 20 mil exemplares vendidos, além de figurar em algumas listas dos mais vendidos por algum tempo<sup>100</sup>.

Desde que chegara ao jornal O Globo, não só sua carreira literária havia começado e se consolidado, como vira o gigante grupo de comunicação de sua família ruir depois de anos brigando pela manutenção da rede televisiva, que, envolta em dívidas multimilionárias, não conseguiu sobreviver. Foi essa história, contada com a visão interna da família e com testemunhos de muitos participantes da trajetória do conglomerado, que gerou seu livro mais aclamado até hoje.

O livro é uma espécie de consolidação do percurso que Arnaldo trilhou na busca da identidade, tanto existencial como familiar. A grande influência da vida entre parentes se deu não só em seu trabalho, como também em suas angústias, e daí pode-se depreender também a vontade em retratar esta grande epopéia familiar de maneira mais abrangente, como fez ao

---

<sup>98</sup>Idem.

<sup>99</sup>Idem.

<sup>100</sup>Idem.

final de sete anos de trabalho e 43 anos de convívio<sup>101</sup>. “Essa família que parece saída dos livros já me circundava desde criança. A minha vida, até hoje, vem sendo de interpretar o mundo, tentando sair dessa redoma, dessa ótica” (BLOCH, 2010)<sup>102</sup>.

Boa parte de sua carreira se deu no seio familiar, sendo que convivia com uma realidade no trabalho, onde foi por um bom tempo repórter – a despeito da vontade de seu tio de levá-lo para um cargo mais alto na redação –, e frequentava em paralelo os grandes eventos promovidos entre parentes, com muitos membros dos altos escalões do poder no país.

A trajetória dele no interior daquele grande conglomerado foi quase paralela ao auge e à queda do império Bloch. Enquanto no início dos anos 80 o grupo Bloch começava a fechar as contas no azul, chegando a atingir um lucro de 30 milhões de dólares (BLOCH, 2008, p.256-258). Arnaldo iniciava a vida universitária, acompanhando ao longo dos estudos a inauguração da TV Manchete e seu início de carreira, que, ainda antes da principal revista da editora, passou pela seção de fantasias sexuais da revista *Ele & Ela* (BLOCH, 2008, p.257). Em 1989, quando ele já tamborilava palavras descrentes na máquina de escrever, o grupo acumulava uma dívida de quase cem milhões de dólares (BLOCH, 2008, p.281), que continuaria crescendo até a derrocada final.

A vivência de todos esses momentos, desde as glórias até às derrotas, foi para ele um período assimilado de divergentes sentimentos, que mais tarde o motivariam a escrever a narrativa de ascensão e queda do grande conglomerado de mídia:

Ao escrever, procurei guardar ânimo crítico e humor suficientes para fugir ao laudatório, e admiração bastante para não cair na vã maledicência. [...] Assim fui perseguindo o desafio de ressucitar o espírito de uma grande aventura humana que remonta a mais de dois séculos, até os nossos dias. Para, quem sabe, preencher um pouco do trágico vazio que dela resultou. (BLOCH, 2008, p.9)

---

<sup>101</sup> Arnaldo Bloch completou 43 anos em 2008, quando o livro “Os irmãos Karamabloch” foi publicado.

<sup>102</sup> Entrevista concedida por Arnaldo Bloch a Ramon Mello, em 14 de abril de 2010. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10272>. Acessado em: 02 de junho de 2013.

#### 4 – CONCLUSÃO

O trabalho buscou analisar motivações e fatores determinantes para que jornalistas se tornem escritores, como têm ocorrido com frequência ao longo da história da imprensa nacional. A pesquisa foi fundamentada em três estudos de caso, com a inclusão de duas entrevistas, além da consulta a material bibliográfico. Dentre as fontes escolhidas, estiveram livros publicados pelos três jornalistas-escritores e entrevistas por eles concedidas ao longo de suas carreiras.

Os perfis foram escolhidos de acordo com suas trajetórias e com a geração a que pertenciam, já que a proposta tinha como objetivo analisar membros de três momentos diferentes da história recente, a partir da década de 50. Como visto, José Louzeiro iniciou sua carreira ainda antes da ditadura militar, Caco Barcellos começou a trabalhar no momento mais obscuro do regime ditatorial, e Arnaldo Bloch entra na redação da revista *Manchete* já no período em que José Sarney estava na presidência.

Os livros de Louzeiro começam a ser escritos ainda no fim da década de 50, mas sua produção se avoluma muito mais no momento em que os generais deixam o Brasil mais distante de ideais democráticos, com forte impulso no início dos anos 70. Quatro de seus livros mais famosos – “Lúcio Flávio: o passageiro da agonia”, “Aracelli, meu amor”, “Infância dos mortos” e “Em Carne Viva” – foram publicados entre 1970 e 1980.

Já Caco Barcellos passa um longo período percorrendo guerrilhas e revoluções pelas Américas, até que publica seu primeiro livro em 1982, sobre a revolução sandinista na Nicarágua. Seu trabalho em seguida é permeado pela convivência com as arbitrariedades da polícia em relação às populações carentes, postura herdada da época em que os militares utilizavam o aparato do Estado para caçar e torturar opositores ao regime.

O último estudo de caso, que envolve Arnaldo Bloch, se insere em outra realidade, isolada do cenário de cerceamento, censura e insegurança estabelecido pela ditadura. O jornalista viveu uma era pós-repressão, em que seu ofício e sua rotina não tiveram as mesmas influências dos outros dois personagens estudados. Seu primeiro livro só vem a ser publicado em 1998, momento em que o país está em plena democracia, com a economia relativamente estabilizada e quando a imprensa ainda não tinha entrado de vez na crise do digital.

Ao final do trabalho, duas diferentes percepções puderam ser constatadas em relação às motivações que levaram os três repórteres a escreverem livros. A insatisfação em relação à realização das atividades de modo restritivo foi um fator de maior influência sobre os dois repórteres mais antigos, cujas trajetórias foram fortemente marcadas pelas ações coercitivas

do Estado em período não democrático. Enquanto os projetos pessoais, o gosto pela estética e o desejo por criar um espaço autoral foram motivações mais relevantes para o jornalista Arnaldo Bloch.

Descendente dos fundadores da revista *Manchete* e da TV *Manchete*, ele vivenciou os momentos de glória e os momentos de agonia do império de comunicação de sua família. O início de carreira entre parentes, com todo material possível à mão para um futuro promissor, se contrapôs ao seu senso crítico e à necessidade de encontrar a própria identidade em meio a tantas pré-definições. Politicamente, já havia espaço para dedicar-se a uma obra permeada de vivências pessoais, explorando o viés existencial e biográfico como o abordado em *Irmãos Karamabloch*. Desde seu primeiro livro – “Amanhã a loucura” –, que o próprio jornalista caracterizou como “uma autobiografia disfarçada”, até o seu livro mais aclamado – “Os irmãos Karamabloch” –, Arnaldo buscou trilhar um caminho próprio e resolver suas questões familiares.

Os outros dois jornalistas-escritores passam por um processo diferente em relação ao desenvolvimento de suas atividades literárias, que permanecem muito mais atadas aos temas reais, com que lidam no dia a dia da profissão, apesar do tom romanceado de algumas das publicações.

Louzeiro chegou a precisar fugir de sua terra natal em função de ameaças a sua vida, ainda antes do regime militar, mas em meio ao coronelismo que imperava no Maranhão. Depois teve problemas com a censura de seu trabalho e sofreu ameaças na redação, apesar de estas não serem provenientes propriamente do Estado.

Caco Barcellos também sai de seu estado de origem após problemas gerados com seu trabalho combativo. Uma de suas matérias denunciando arbitrariedades da ditadura com detentos de uma prisão no Rio Grande do Sul acabou por tirar-lhe o emprego e incutir nele a vontade de sair daquela região.

Ambos têm suas trajetórias mais ligadas ao jornalismo policial, à defesa de desfavorecidos e ao retrato de criminosos que se sobressaíram de formas pouco comuns em seus tempos de notoriedade. Os personagens Lúcio Flávio e Marcinho VP, com suas diferentes origens e seus diferentes destinos, têm traços que se assemelham de alguma forma nas duas narrativas. Além disso, a admiração – velada ou não – de seus interlocutores parece ser outro ponto em comum.

Outro paralelo pode ser notado no objeto dos livros “Infância dos Mortos”, de Louzeiro, e “Rota 66”, de Barcellos, que, apesar de tratarem de temas bastante diferentes, aproxi-

mam-se quando se percebe que têm como cerne a busca por justiça; o combate ao descaso com que são tratadas as pessoas menos favorecidas da sociedade.

As restrições editoriais impostas tanto internamente como por ordens externas são fatores que levaram os dois jornalistas a escreverem livros, visto que a liberdade encontrada nestes tipos de publicação é muito mais abrangente e as possibilidades de ampliação do escopo dos trabalhos são bem maiores desta maneira. Claramente, tanto Caco Barcellos quanto José Louzeiro tiveram como uma de suas principais motivações a insatisfação com a restrição ao desenvolvimento pleno de seus trabalhos. Característica que tem bastante consonância com o que está acontecendo em boa parte do jornalismo atual, em profunda modificação em função da estrutura de produção digital, com seus prazos imediatos e a falta de tempo e condições para grandes reportagens.

O trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema, pelo contrário, buscou abrir uma porta para a pesquisa relacionada aos desdobramentos que as limitações impostas pelo dia a dia da profissão de jornalista podem gerar. Tentar compreender os detalhes da carreira de repórteres que se destacaram tanto como profissionais de imprensa quanto como escritores. Certamente, muito há que se pesquisar a respeito das transformações no âmbito do jornalismo a partir da entrada da tecnologia digital.

## 5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BARCELLOS, Caco. *Nicarágua; a revolução das crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARCELLOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*. Rio de Janeiro: Record, 2011a.

BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro Dona Marta*. Rio de Janeiro: Record, 2011b.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPOTE, Truman. *A sangue frio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1966.

CASTILHO, Carlos. *Os paradoxos na busca de um novo modelo de negócios para o jornalismo*. Disponível em:

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/os\\_paradoxos\\_na\\_busca\\_de\\_um\\_novo\\_modelo\\_de\\_negocios\\_para\\_o\\_jornalismo](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigoaberto/post/os_paradoxos_na_busca_de_um_novo_modelo_de_negocios_para_o_jornalismo). Acessado em 29 de junho de 2013.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel – Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA, Luciano Martins. *Alhos e Bugalhos: Marketing dissimulado*. Publicado em 25 de março de 2013. Disponível em:

[http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt\\_gt\\_alhos\\_e\\_bugalhos\\_lt\\_br\\_gt\\_gt\\_gt\\_marketing\\_dissimulado](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt_gt_alhos_e_bugalhos_lt_br_gt_gt_gt_marketing_dissimulado). Acessado em 29 de junho de 2013.

BLOCH, Arnaldo. *Os irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BLOCH, Arnaldo. *Talk show*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FROSSARD, Heloisa; LUDUVICE, Jacqueline; COSTA, Maria Aparecida de; DEVALLE, Antony; RANGEL, Ana Carolina S.; KUNIGAMI, André Keiji; SEREJO, Priscila. *Memória da imprensa carioca. Entrevista com Alberto Dines. 2002*. Disponível em:

[http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre\\_dines/memoria.htm](http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre_dines/memoria.htm). Acessado em: 04 de maio de 2013.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KNEIPP, Valquíria Passos. *Entrevista Caco Barcellos: “a denúncia é só o começo da apuração”*. São Paulo: Revista PJ:BR, 2008. Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/entrevistas10.htm>. Acessado em 4 de junho de 2013.

KOTSCHO, Ricardo. *Do golpe ao Planalto: uma vida de repórter*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LEITÃO, Miriam. *Saga brasileira: a longa luta de um povo por sua moeda*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMA, Venício A. de *A liberdade de expressão e o paradoxo liberal*. Disponível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed710\\_a\\_liberdade\\_de\\_expressao\\_e\\_o\\_paradoxo\\_liberal](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed710_a_liberdade_de_expressao_e_o_paradoxo_liberal). Acessado em: 11 de maio de 2013.

LOUZEIRO, José. *Aracelli, meu amor*. São Paulo: Prumo, 2012.

LOUZEIRO, José. *Em carne viva*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

MAIA, Cesar; MESSINA, Ágata; DUQUE, Helena; KAZ, Leonel; BRAGA, Regina Stela; COELHO, Andrea; LIMA, Edevaldo Pereira; CARTA, Gianni; CIVITA, Roberto; FARO, J. S.; KONDER, Rodolfo; ANGELO, Ivan; SOUZA, Luiz Carlos de. *New journalism: a reportagem como criação literária*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2003.

MANSO, Bruno Paes. *Crescimento e queda dos homicídios em SP entre 1960 e 2010 - Uma análise dos mecanismos da escolha homicida e das carreiras no crime*. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-12122012-105928/pt-br>. Acessado em: 01 de junho de 2013.

MENDONÇA, Sonia. *A industrialização brasileira*. São Paulo: Moderna, 2004.

MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NICOLA, José de. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 2003.

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

REIMÃO, Sandra. *O Departamento de Censura e Diversões Públicas e a censura a livros de autores brasileiros 1970 -1988*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1041-1.pdf>. Acessado em 22 de junho de 2013.

SCLIAR In CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. *A universidade medieval*. Rio Grande do Sul: EdIPUCRS, 2000.

VINCENTINO, Claudio; DORIGO, Gianpaolo. *História para ensino médio: história geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2001.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WOLFE, Tom. *A Fogueira das Vaidades*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

### **Websites:**

*Academia Maranhense de Letras*. [www.academiamaranhense.org.br](http://www.academiamaranhense.org.br)

*Agência Pública*. [www.apublica.org](http://www.apublica.org)

*A Palavra*. [www.apalavraonline.com.br](http://www.apalavraonline.com.br)

*Blog Estranho Encontro*. [www.estranhoencontro.blogspot.com.br](http://www.estranhoencontro.blogspot.com.br)

*CPDoc JB*. <http://www.jblog.com.br>

*Digestivo Cultural*. <http://www.digestivocultural.com>

*Documentos Revelados*. [www.documentosrevelados.com.br](http://www.documentosrevelados.com.br)

*ECPAT*. [www.ecpat.net](http://www.ecpat.net)

*Entrevista com Caco Barcellos realizada por Antonio Abujamra*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fmF81kWQ1wY>. Acessado em 23 de junho de 2013.

*Entrevista com Caco Barcellos realizada pela Revista TPM*. Disponível em: <http://revistatpm.uol.com.br/36/vermelhas/02.htm>. Acessado em 12 de junho de 2013.

*Ernest Hemingway Collection*. <http://www.ernesthemingwaycollection.com>

*Euclides da Cunha*. <http://www.euclidesdacunha.org.br/>

*Folha de São Paulo*. [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)

*Internet Movie Database*. [www.imdb.com](http://www.imdb.com)

*Meio e Mensagem*. [www.meioemensagem.com.br](http://www.meioemensagem.com.br)

*Memória Globo*. [www.memoriaglobo.globo.com](http://www.memoriaglobo.globo.com)

*Museu da TV*. [www.museudatv.com.br](http://www.museudatv.com.br)

*Observatório da Imprensa*. <http://observatoriodaimprensa.com.br>



*O Globo.* [www.oglobo.globo.com](http://www.oglobo.globo.com)

*Portal Imprensa.* [www.portalimprensa.uol.com.br](http://www.portalimprensa.uol.com.br)

*Portal da Rede Globo.* [www.globo.com](http://www.globo.com)

*Prêmio Jabuti.* [www.premiojabuti.com.br](http://www.premiojabuti.com.br)

*Proderj.* [www.proderj.rj.gov.br](http://www.proderj.rj.gov.br)

*Rede Contra a Violência.* [www.redecontraviolencia.org](http://www.redecontraviolencia.org)

*Revista Quem.* [www.revistaquem.globo.com](http://www.revistaquem.globo.com)

*Revista TPM.* [www.revistatpm.uol.com.br](http://www.revistatpm.uol.com.br)

*Revista Trip.* [www.revistatrip.uol.com.br](http://www.revistatrip.uol.com.br)

*Revista Veja.* [www.veja.abril.com.br](http://www.veja.abril.com.br)

*Saraiva Conteúdo.* [www.saraivaconteudo.com.br](http://www.saraivaconteudo.com.br)

*Site de Carlos Heitor Cony.* <http://www.carlosheitorcony.com.br>

*Site de Dráuzio Varella.* [www.drauziovarella.com.br](http://www.drauziovarella.com.br)

*Site de José Louzeiro.* [www.louzeiro.com.br](http://www.louzeiro.com.br)

*The New York Times Company.* [www.nytc.com](http://www.nytc.com)

*The Wrap.* [www.thewrap.com](http://www.thewrap.com)

*Universidade de São Paulo.* [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br)

*Valor Econômico.* <http://www.valor.com.br>

*Vladimir Herzog.* <http://www.vladimirherzog.org>

*Youtube.* [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br)

## ANEXO I

Entrevista Arnaldo Bloch, realizada em 05 de fevereiro de 2013.

**Daniel** - Você já tinha alguma pretensão de escrever livros quando começou na Manchete?

**Arnaldo Bloch** - Na verdade, a minha vontade de escrever literariamente vem de muito antes de eu entrar na Manchete. Ela vem da minha pré-adolescência.

**Daniel** - Antes de se inserir no meio jornalístico?

**Arnaldo Bloch** - Eu já tinha me inserido de alguma forma no meio jornalístico, no sentido de fazer parte de uma família que tinha um império das comunicações de papel naquela época. Uma grande gráfica, várias revistas, então eu tinha toda aquela relação com o meio das redações e com a própria gráfica, máquina de escrever, essa coisa de chegar num ambiente com várias pessoas fumando, escrevendo, criando. A redação ainda tinha muito esse espírito borbulhante.

**Daniel** - Você começou a trabalhar em redação em que ano?

**Arnaldo Bloch** - Em 1986. Tinha essa coisa palpitante, esse romantismo de redação, que me atraía, claro, mas a minha vontade de escrever vem mais da literatura. Ali tinha um pouco do instrumental, mas eu, por ser de uma família de imigrantes, de origem ucraniana, russa de uma forma mais genérica – quando eles viviam lá era o império russo. Eu comecei muito cedo a ler literatura russa, porque meu pai me aplicou um pouco nisso, e depois eu me aproximei da figura que mais me inspirava lá na Manchete, que era o Carlos Heitor Cony. Até hoje tenho uma relação forte com ele. Comecei a ler os livros dele, e ele me convidou à casa dele um dia para mostrar a biblioteca e até falou dele mesmo, que era uma pessoa ali como Goya; na Manchete ele pintava as cenas da corte e na literatura pintava os monstros devoradores, a mãe devorando o filho. O Goya tinha esses dois lados. Ai ele fez uma lista de obras importantes, clássicos que eu deveria ler. Eu segui uma boa parte da lista, não tudo, claro.

**Daniel** - Você tinha quanto anos nessa época?

**Arnaldo Bloch** - Uns 12, 13. E eu tinha já esse ímpeto, um pouco megalomaniaco, achando que eu já estava pronto para escrever, então eu me lançava muito a escrever contos e peças de teatro. Tem até uma história com o Nelson Rodrigues. Eu escrevi uma peça e pedi para ele ler. Deixei com ele, passou um mês e ele ainda não tinha falado nada. Até que eu fui falar com ele,

perguntei o que ele tinha achado e ele respondeu: “Leia os russos, meu filho. Leia Tolstói. Leia Dostoiévski... Deus te abençoe, meu filho.”

Paralelamente eu tinha um tesão muito grande por música, então estudava violão, gostava, era muito ligado mesmo à música, e desenvolvi também esse paralelo, tanto que na época da faculdade eu tinha uma banda e quase virei músico.

*Daniel* - Até hoje você toca?

*Arnaldo Bloch* - Toco, toco. Hoje em dia eu toco mais piano. Mas eu realmente, num dado momento, lá pelos vinte anos, entrei naquele tipo de crise, do que vou fazer mesmo.

*Daniel* - Nessa época você já estava em redação?

*Arnaldo Bloch* - Já tinha feito um estágio na própria Manchete nos primeiros períodos.

*Daniel* - Foi um baque? Perdeu o lado romântico?

*Arnaldo Bloch* - Foi difícil... Porque na verdade, terminando a faculdade, eu tinha caído em algum tipo de depressão naquela época. As coisas pareciam um pouco sem sentido. Eu achei que eu tinha que saber o que que ia dar essa coisa de trabalhar com jornalismo, porque a família estava ali, era uma oportunidade e eu achava que não ia conseguir deixar isso passar em branco, indo direto para música. Eu era muito dividido para realmente abraçar a carreira artística. E eu achava, por outro lado, que no futuro poderia, através das letras, também encontrar a arte. Então foi uma solução de compromisso que eu fiz comigo mesmo, que foi um baque horrível, porque não tinha certeza disso e achei que eu estava matando alguma coisa muito bonita. Com o tempo eu fui vendo que foi uma escolha boa. Na verdade comecei a fazer análise e fui descobrindo realmente o que eu queria. Eu poderia ter voltado para a música um ano depois, mas eu fui percebendo que a minha trilha tinha que caminhar um pouco atada com a família, mesmo que depois eu me desatasse dali, coisa que eu acabei fazendo.

*Daniel* - E como foram os primeiros livros?

*Arnaldo Bloch* - Eu só comecei a escrever meu primeiro livro quando eu já estava no Globo.

*Daniel* - Você veio para cá (Redação do Globo) com quantos anos?

*Arnaldo Bloch* - Eu fui para a França, ser correspondente da Manchete, em 1991.

**Daniel** - Você também foi pelo Globo?

**Arnaldo Bloch** - Não, não. Pelo Globo eu fui para São Paulo, mas como chefe da sucursal. Cheguei no Globo com 28 anos, voltando da França. Então, enquanto ainda estava com a família, eu ficava exercitando a literatura mais através de contos. Coisas que eu não levava a público. A primeira tentativa de escrever um livro foi quando eu já estava em São Paulo, estava noivo de uma moça que morava no Rio, então não cai muito na noite, eu estava na coisa certinho, e não me dei muito bem com a cidade. Comecei a aproveitar as minhas noites para finalmente escrever um livro, que se chamou “Amanhã a loucura”, que era uma autobiografia disfarçada, numa história semi-fantástica, teria que ler o livro pra ver, mas era um romance de formação, com algumas características adolescentes. Escrevi uma primeira versão, mostrei para o Cony na época, ele achou que estava muito bom até um certo momento e depois ele se perdia e ficava muito careta. Ele perdia a característica delirante que tinha. Era a história de um cara que está no processo de enlouquecer, contando sua história numa peixaria em Arraial do Cabo, com uma caneta fodida, sujo de peixe e desembestadamente contando a sua história, a história na verdade da busca da própria identidade, de quem ele é. Nesse primeiro livro acabei conseguindo um editor. Depois da conversa com o Cony eu percebi que tinha que criar ali um truque. Truque no bom sentido, pegar aquilo que estava se transformando no formal, no careta, e colocar dentro da roda do delírio. Ai eu descobri o livro como eu realmente gostaria. Consegui um editor, na época a Nova Fronteira, o próprio Cony indicou, tentei a Companhia das Letras antes, mas não deu certo. Foi interessante, foi um livro que teve algumas boas críticas, na Folha inclusive. Não foi um livro que vendeu, mas foi uma ponta de lança.

Na época eu já era executivo de redação. Fui chefe de redação em São Paulo e depois virei editor de Segundo Caderno aqui. Quando cheguei, mesmo em outras funções, eu já comecei a escrever um segundo livro. O primeiro eu demorei dois anos, foi um livro mais elaborado em termos de... elaborado não, mas eu precisei de dois anos para chegar no que eu queria. O segundo, que se chama “Talk Show”, foi um livro que eu escrevi muito rápido, eu levei nove meses.

**Daniel** - Uma gestação..

**Arnaldo Bloch** - Bem gestação... e é um livro assim mais afinado com o período em que os escritores estavam entrando na coisa de transgressão. É um livro curto, de 110 páginas e que graficamente é todo esquisito, com várias tipologias diferentes, trechos que são notícias de jornal, outros que são convites, e tem um personagem que é um papagaio, que vai no lugar do

autor ao lançamento do livro. Umas coisas muito estranhas, uma história que vem da Etiópia, tem um judeu negro falasha, de olhos azuis, que tem um duplo, que quer usurpar a carreira de escritor dele. Um livro muito difícil para o leitor. Eu vou tirando todas as pistas e o leitor fica completamente perdido, cada vez mais perdido, mas um livro que tem muito humor, é ácido, e um humor que tem a ver com o meio jornalístico, das comunicações, e da própria literatura e do Rio, das igrejazinhas literárias. Esse livro vendeu menos ainda, mas foi um livro que me deu muita fortuna crítica. O pessoal da vanguarda de São Paulo gostou, aquela turma, o Silviano Santiago achou o livro uma maravilha, várias pessoas gostaram, e isso me rendeu inclusive um convite, do Nelson Oliveira, para participar daquela coletânea. Nem é uma coletânea, é uma antologia...

*Daniel* - De perfis biográficos?

*Arnaldo Bloch* - Não, não, é uma antologia. É verdade, primeiro veio o perfil. Quase que paralelamente ao lançamento do Talk Show, o Wilson Coutinho, que era crítico de artes plásticas e de literatura, estava dirigindo a coleção Perfis do Rio e me convidou, junto com aquela editora que acabou, a Relume Dumará, para fazer o perfil do Fernando Sabino. Ai sim você tem jornalismo literário, porque no início o Sabino não quis colaborar. No primeiro momento ele chegou a ter um encontro comigo na Letras e Expressões de Ipanema. Tivemos um encontro, ele estava lá num cantinho, e já estava numa fase da vida muito amargurada, todos os mineiros tinham morrido, o Otto, o Helio Pelegrino, o próprio Rubem Braga – que não era mineiro, mas era daquela turma –, o Paulo Mendes Campos, e ele tinha sido execrado pela imprensa pelo livro que ele escreveu sobre a Zélia (Cardoso de Mello). Ele escreveu um livro exaltando ela, na época ainda não tinha tido o impeachment nem todo o desmascaramento da república na casa da Dinda. Ele lançou o livro e imediatamente depois deu aquela cagada. Já estava meio na cara, mas acho que ele se apaixonou por ela. Vários se apaixonaram por ela, o Bernardo Cabral, o Chico Anysio, que casou com ela – eu achava ela um horror. Ai ele caiu em desgraça. A mídia foi muito impiedosa com ele, e paralelamente ele foi abandonado pela mulher dele, a Lygia Marina (de Moraes). E ela largou ele por uma mulher, então tudo isso convergiu. A Zélia, a morte dos amigos todos...

*Daniel* - E você ia retratar isso também...

*Arnaldo Bloch* - De alguma forma ele sabia que eu ia retratar, mas nesse período ele já estava ficando recluso. Ele parou de aparecer, parou de tocar bateria em alguns lugares. Aceitou me

encontrar, a gente começou a conversar, ele me deu alguns nomes que ele achou que eu devia procurar. Ele disse: “Ah, um livro assim sempre tem um pouquinho de crítica... você sabe, eu não morri ainda, um livro desses sem morrer, por que vai fazer uma biografia sem morrer?”. Na verdade ele já tinha escrito uma pequena biografia, o livro dele “Tabuleiro” é uma pequena biografia. Em todos os livros de crônica dele, ele vai meio que estabelecendo uma posteridade para ele, muito bonitinha, quando na verdade ele não era nada perfeito, fez também coisas abomináveis. Não deixou nada para os filhos na primeira separação para ficar com um cartório. Não que ele fosse um monstro, mas tinha seus defeitos.

*Daniel* – Era humano...

*Arnaldo Bloch* - Humano, exatamente. Ele soube, em seguida, que eu tinha conversado com a Lygia durante quatro horas. Soube até por mim, eu fui ingênuo. Eu contei não me lembro para quem, para um filho dele que estava me ajudando lá com os documentos. A partir daí ele cortou, achando que eu ia entrar na coisa íntima demais, o que nem era verdade, não era essa minha intenção, dizer: “Largou ele por outra mulher”. Não era esse meu interesse. Porque ele foi corneado pelas três mulheres. A história dele é meio trágica. E uma delas, tem um conto dele, em que ele conta como foi, que ele gravou a conversa, ligou um gravador ao telefone, mas não diz que é a história dele. E eu no livro fui bem respeitoso, falei do conto, mas não estabeleci nenhuma relação direta entre as coisas.

*Daniel* - Mas dá pra perceber?

*Arnaldo Bloch* - A pessoa que conhece a história, talvez, mas não fui maledicente. Aonde eu dei mais porrada mesmo foi na Zélia. Na verdade não foi bem porrada, mas, enfim, joguei meus esfuminhos ali. Percebi: “bom, ele não vai me ajudar”. Então me senti livre. Então comecei o método Gay Talese de ir cercando. Eu nem pensei bem em Gay Talese, não tinha em vistas o formato do jornalismo literário.

*Daniel* - Você já conhecia?

*Arnaldo Bloch* - Conhecia, mas não era um aplicado ao método. E não era tão leitor assim desses americanos. Eu fui levado pelas circunstâncias, porque eu tinha uma encomenda de um livro e tinha que dar um jeito de contar aquela história.

*Daniel* - Como era essa parte, você tinha um prazo? Um número de páginas médio?

**Arnaldo Bloch** - Tinha quatro meses para fazer. O tamanho eu escolhia.

**Daniel** - Era pra ser curto, não?

**Arnaldo Bloch** - Não. Tem alguns que são bem grandes. Vai de 120 páginas a um ou outro que chegou a 300. Mas eu, vamos dizer assim, pensei: “bom, por um lado, eu perdi, mas por outro, eu ganhei, porque se eu ficasse ouvindo ele, ia acabar ficando muito fascinado pela figura dele, pelas razões dele”. Ai eu resolvi escarafunchar mesmo, e falei com muita gente, muita gente, procurei gente que foi à escola com ele e viu como que ele usava meia.

**Daniel** - Nesse período você estava trabalhando no Globo ainda? Como era aqui, arrumar tempo pra isso?

**Arnaldo Bloch** - Foi horrível. Na verdade eu destruí minha carreira de executivo aqui em função disso.

**Daniel** - Por quê?

**Arnaldo Bloch** - Não, primeiro eu tive dois anos como editor do Segundo Caderno. Funcionou, mas foi tempo mais do outro livro, o Talk Show. Quando eu comecei a fazer isso (o livro do Sabino), eu tinha sido promovido de editor do Segundo Caderno a editor executivo de cultura.

**Daniel** - Ainda tem esse cargo?

**Arnaldo Bloch** - Não tem mais. Então eu era responsável pelo Segundo Caderno, pelo Ela, pelo Prosa & Verso, Rio Show, e alguma coisa mais. Era poderosasso. E nesse período, por causa do livro, acabei empurrando com a barriga. Não é que eu empurrei com a barriga, mas eu tinha que estar muito mais concentrado nessa nova atividade. Então o livro acabou me prejudicando mesmo aqui. E num dado momento, junto com a chefia, que na época era o Ali Kamel, junto com o Merval Pereira, a gente sentou junto para conversar. Eles falaram: “Arnaldo, você é o cara da escrita, né? Essa coisa do executivo está te pesando sobre as costas. Então, seja repórter especial”. Então por um tempo eu até me desliguei da empresa. Porque eu tinha um salário de executivo, e não poderia ter esse salário como repórter funcionalmente aqui, então teria que sair, abrir uma empresa, receber aquele salário, mas sem os prêmios de executivo. Foi bom até, porque eu já tinha um tempo de empresa, então peguei a demissão, peguei um dinheirinho, e dois anos depois eu fui recontratado, porque eu virei uma usina de

reportagens.

**Daniel** - Você ganhava por matéria?

**Arnaldo Bloch** - Não, eu ganhava um salário mensal, tirava uma nota fiscal, que era mais ou menos o que era o meu salário, mas sem os benefícios.

**Daniel** - Mas qual a relação de você produzir muito e...

**Arnaldo Bloch** - Eu queria manter a relação, manter o vínculo forte. Pensei: Quero fazer a coisa que me identifique como um texto importante, não ser só um cara, repórter especial, que ficasse em cima de uma pauta. Comecei a fazer de tudo, com outro olhar. Tinha semana que tinham cinco matérias minhas em lugares diferentes.

**Daniel** - Ainda é assim?

**Arnaldo Bloch** - Agora é bem menos. Bem menos. Era uma coisa que eles começaram a ficar preocupados. Eles falaram, daqui a pouco o RH vai reclamar. Arrumei um lugar aqui, vinha direto, e também me lancei a fazer algumas séries. Fui convidado para ir a Providence, para participar de uma oficina literária com os americanos que escrevem em português. Fui lá, fiz o negócio, e escrevia uma crônica por semana para o Prosa só sobre essa experiência.

Teve o Rock in Rio, eu inventei a ideia de fazer uma pequena crônica todo dia, e fez o maior sucesso. Chegaram as eleições, que acabaram levando o Lula à presidência, conversei com o Rodolfo Fernandes (diretor de redação de O Globo na época), e ele falou: “você pode fazer a sátira do horário eleitoral gratuito”. E com isso eu fui forjando um espaço autoral para eu poder ter um dia uma coluna. Eu ainda não tinha, fazia mais reportagem mesmo.

**Daniel** - Mas voltando ao livro...

**Arnaldo Bloch** - Voltando ao livro. Fernando Sabino. Então eu fui cercando de tudo que era lado, e fiz um livro muito diferente. Um livro em que eu fiz um jogo de palavras, em que cada capítulo era uma variação da palavra “encontro”. “Encontro”, “encanto”, “espanto”, todos os capítulos eram uma coisa assim. E isso puxava, era como Mote e Glosa, o encontro que nunca houve, eu fui cercando a vida dele através dessa brincadeira. Eu começo o livro na Letras e Expressões, esse encontro, a figura lá no fundo, e, no final do livro, volto para a livraria e digo: “Foi a última vez que eu vi Fernando Sabino”. Revelo para o leitor que aquele foi o único encontro, e que durou meia hora. Então foi muito bom, foi um exercício, primeiro de perfilar



alguém, não de uma maneira rigorosa, mas pegando a subjetividade, e ao mesmo tempo podendo fazer um jogo formal com isso, mexer com a forma, que é uma coisa que nem sempre o pessoal do jornalismo literário fazia. Acho que eles se preocupavam muito com o esgotamento de todas as possibilidades de se chegar a uma verdade, tem muito essa ambição, que acho que hoje em dia é ultrapassada, de que o jornalismo encontra a verdade. Não encontra, ele encontra alguma coisa, um retrato, um corte, mas várias coisas sempre faltam, a verdade é uma coisa muito maior, do ponto de vista filosófico, e a verdade inclui a fantasia, não a fantasia do escritor ao tentar dar uma verossimilhança àquilo, mas as fantasias do personagem, aquilo que escapa só aos fatos. Então acho que com os Karamabloch, eu não sei se estaria nisso (jornalismo literário), mas tem gente que diz. O Pedro Bial diz: “Não, você escreveu a melhor peça de jornalismo literário no Brasil que eu já li”. Ele diz isso pra mim. Mas eu penso se é isso mesmo ou se é um livro de memórias.

*Daniel* - Mas você fez pesquisas, investigações...

*Arnaldo Bloch* - Sim, mas ele é um livro misto, se você for ver, ele não é um livro regular. O início dele, aquela parte inicial, em que eu vou para a Ucrânia e que fala desse período, aquilo é quase tudo ficção.

*Daniel* - Como assim?

*Arnaldo Bloch* - Aquelas histórias da família ali são resquícios de lendas, que eu costurei, e que eu tive que imaginar muito, porque era uma coisa que estava acontecendo em 1908. Como que eu ia saber como eram aqueles diálogos? Eu tive que me transportar. As vezes nessas horas você acerta mais do que em outras. As vezes você chega mais perto da verdade, dizem isso, porque você fica tão livre, que você entra numa espécie de corrente atávica e chega às verdades. Mas, se você for ver o livro, à medida que o tempo cronológico vai avançando, ele vai ficando mais objetivo, eu faço algumas idas e voltas, mas ele vai assumindo essa forma mais de um perfilamento, porque cada vez eu vou tendo mais elementos, elementos palpáveis.

*Daniel* - E como isso se deu efetivamente, a editora que te procura?

*Arnaldo Bloch* - No caso do Sabino, a coleção já estava em andamento, várias pessoas já tinham escrito, o Paulo Pires tinha feito o do Helio Pellegrino, a Regina Zappa tinha feito o do Chico Buarque, o Luiz Noronha fez o do Antonio Maria. E um dia o Wilson Coutinho me procurou aqui na redação, eu falei com o editor lá também e eles me deram um prazo.

**Daniel** - E a editora cobriu os custos, te deu um valor?

**Arnaldo Bloch** – Fico com 10% da venda, como normalmente acontece. Não me deram adiantamento nenhum. Minto, me deram R\$ 1 mil para pesquisa, que eu paguei a uma moça que trabalhava aqui e ela fez pesquisa para mim, coisas que eu precisava saber sobre a vida dele, que ia precisar entrar muito em biblioteca e não ia ter tempo para isso.

**Daniel** – E não recebeu nada nesses quatro meses em que ficou trabalhando?

**Arnaldo Bloch** - Não. Isso são casos muito raros. Algum projeto que interesse muito à editora comercialmente. O Ruy Castro tem algum caso que teve que largar um emprego para escrever. No caso dos irmãos Karamabloch, eu apresentei um projeto, de umas 20 páginas, de uma forma resumida o que eu pretendia explorar ali, e o Luiz Schwarcz (da Companhia das Letras) topou. Teve adiantamento. Eles dão um adiantamento de 10% de uma tiragem mínima, que no caso foi de 5 mil exemplares. Em geral é de 3 mil exemplares, que é considerada normal aqui. Eles pagam 10% e depois vão descontando. Mas se não vender o suficiente, não vão te cobrar.

No caso do Fernando Sabino eles me roubaram. Nunca me pagaram nada, tive que cobrar depois. Em geral as editoras tem que mandar a prestação de contas de três em três meses, mas nem todas fazem isso. Depois eu falei com o editor, o Alberto Sprejer, boa pessoa, um pouco enrolado, e ele me deu um dinheiro. Falou: “vendeu tanto”, e me deu mais uns R\$ 1.500. Depois a Ediouro relançou a coleção, mas numa edição horrorosa. Dessa eu não vi um tostão. Mas eu deixei rolar. Já a Companhia das Letras é muito correta com isso. Outro nível. E o Luiz me ofereceu o adiantamento, sobre cinco mil, e falou: “não vou te dar mais, porque não quero que você fique indolente”. Ele me deu dois anos, disse que achou que ia levar quatro.

**Daniel** - Ele pagou os custos da viagem?

**Arnaldo Bloch** - Ele me deu esse adiantamento, mais uns R\$ 2 mil para pesquisa, e pagou minha viagem. A passagem e todos os custos relacionados à Ucrânia. Na Rússia eu fiquei passeando um pouco, então eu paguei. São rigorosos mesmo com isso. Mas nesse sentido foi legal, porque me permitiu. Depois o livro vendeu bastante, e a tiragem inicial foi 7 mil. Esgotou muito rápido no Rio de Janeiro, teve que trazer de outros lugares. Foi um baita sucesso sobretudo no Rio.

Está chegando a uns 20 mil vendidos agora, o que não é uma tiragem de Ruy Castro, mas é uma bela de uma venda. Eu não acreditava que algum dia algum livro meu ia vender. Foi bom que aconteceu. Chegou a entrar em algumas listas de mais vendidos, em sétimo lugar, umas duas semanas. Entrou na lista da Veja, em nono lugar. O livro foi muito falado, o Ferreira Gullar escreveu. O livro foi muito falado mesmo.

**Daniel** - Como você vê no Brasil esse mercado de livros-reportagem?

**Arnaldo Bloch** - Acho que esse filão está quente no Brasil. Mais do que o filão de literatura de ficção. Acho que o leitor hoje, não sei se no mundo todo, mas o interesse é muito maior por histórias reais, de figuras que existiram, do que ficção. Ficção vende bem menos. Livros fantásticos, J.K. Rowling, essas coisas, não contam. O que você vê que vende?

A gente está numa nova era, que tem esses mega sucessos mundiais, mas a ficção literária, cujo objetivo é a forma, a linguagem, não vende. Isso vende para um público limitado, que é importante, alguns autores de muito prestígio mantêm um público, como Philip Roth, por exemplo, mas acho que as biografias no geral atraem mais.

Acho que além da biografia, livros-reportagem. Você vê que é um filão, porque muita coisa boa está sendo feita. O livro que mexe com as paixões das pessoas. Você vê que a pessoa que quer ganhar dinheiro, ela vai na realidade, ou vai nessas novas histórias do Brasil, contadas de uma maneira palatável. É um filão.

**Daniel** - Você acha que dá para um jornalista viver como escritor de livros-reportagem no Brasil?

**Arnaldo Bloch** - É uma aposta muito alta. Quem vive disso? Nem o Ruy Castro vive só disso. Acho muito difícil. Sei lá, Fernando Morais, Ruy Castro, mesmo assim eles fazem outras coisas. O Ruy está sempre com projetos para a Folha, coleções de discos com texto, etc. Não sei o que ele diria para você sobre esse aspecto. Claro que alguns livros deram muito dinheiro, pode ter comprado um apartamento melhor, fica sempre pingando algum dinheiro, com a soma de vários livros, mas é suficiente para ele viver dentro do padrão que ele quer? Teria que ser um cara que produz muito, um livro por ano, muito articulado, livros sob encomenda, livros de capa dura, “a história do maracanã”, etc.

**Daniel** - Quando você fez o Karamabloch, você parou de trabalhar um tempo?

**Arnaldo Bloch** - Não, não. Eu demorei bastante para fazer. Demorei sete anos. Era para ser em dois. Ou seja, eu não tenho método, fui me perdendo, me achando, me perdendo, me achando.

**Daniel** - São projetos pessoais?

**Arnaldo Bloch** - Exatamente. O próprio Ruy Castro me falou na época: “Você não acha uma maravilha, poder reunir milhões de informações e chegar ao âmago?”. E eu pensava: “Não, eu acho horrível. Esse negócio destruiu a minha vida. Me separei, acabei com meu casamento, engordei, o jeito que eu fiquei. Achei uma tortura. Não conseguia fazer isso todo ano, ou a cada dois anos. Teria que me organizar, mas eu não sou um cara organizado.

**Daniel** - Seu horário na redação é você que faz?

**Arnaldo Bloch** - É. Mas eu tenho vindo muito. Tenho vindo bastante. To escrevendo outro livro, estou tentando terminar. É uma ficção agora, mas que tem a ver com relações familiares. Uma espécie de um lado B dos Karamabloch, mas outro universo, meio que de terror.

**Daniel** - Qual é a motivação?

**Arnaldo Bloch** - Para mim é a estética.

## ANEXO II

Entrevista com José Louzeiro, realizada em 01 de maio de 2013.

*Daniel* - Queria que o senhor me contasse o início do seu interesse pela escrita.

*José Louzeiro* - Eu na verdade fui um foragido do Maranhão. Eu trabalhava num jornal chamado O combate, que era um jornal político. Existia lá um bandido chamado Vitorino Freire, que depois se tornou senador – tem avenidas comemorativas em homenagem a ele em São Luís, mas que eu considero um bandido da pior qualidade. O diretor do jornal disse assim, para você não morrer, tem que sair daqui urgente, de madrugada. Tinha feito uma matéria sobre um trabalhador que eles mataram e os parceiros dele não gostaram, então fiquei sendo a bola da vez.

*Daniel* - Como o senhor entrou lá?

*José Louzeiro* - Comecei minha carreira jornalística como aprendiz de revisor no jornal O Imparcial. Então eu cresci repórter, e comecei a aprender as manhas de reportagem com o repórter Moacir de Barros. Ele ia para a delegacia e eu ia atrás dele. E foi assim que iniciei minha vida de jornalista policial.

*Daniel* - E por que o senhor quis se tornar jornalista?

*José Louzeiro* - Eu sempre fui apaixonado por saber coisas. Coisas misteriosas, então, me deixavam apaixonadíssimo. O que é que transforma os seres humanos em criminosos? Uma das coisas que me parece que leva ao crime é a falta de conhecimento, a falta de educação. Um cara que nunca passou por uma escola vira um bicho, qualquer coisa ele briga, mata ou morre. Tanto faz matar ou morrer. Para ele é indiferente. Essa indiferença diante da morte sempre me deixou muito apaixonado. Um criminoso não tem medo de morrer. Ele não tem respeito nem pela vida dele, muito menos pela do outro. E isso continua ainda hoje. Agora mesmo, aqui no Rio, três rapazes mataram uma dentista queimando ela com um isqueiro. O que é que leva esses rapazes a fazerem isso? Essa pergunta pra mim foi sempre fundamental. E isso não alterou. Esse tema continua do mesmo jeito. Os capangas do Vitorino Freire mataram muita gente, mataram jornalistas amigos meus, um chamado Vilela de Abreu e outro chamado Otelino Nova Alves. Deram uma paulada na cabeça de um poeta amigo meu também. Não mataram porque ele caiu e ficou desmaiado. Então essa é a filosofia: destruir. E se

ele for destruído, não tem problema, outros virão. Estamos nessa fase aqui no Rio de Janeiro.

**Daniel** - Você veio nessa fase?

**José Louzeiro** - Vim nessa fase. Sem nenhum contato. Foi no início dos anos 50. Talvez em 53. Estava com uns 21 anos. Comecei com 16 no imparcial. Não conhecia ninguém aqui.

**Daniel** - Quando o senhor começou lá, frequentava escola?

**José Louzeiro** - Frequentava. E fui muito ajudado por uma professora chamada Maria Freitas, que recentemente escrevi um livro e publiquei sobre ela. Está aqui escondido porque eu doo os livros todos e o Serginho (acompanhante) disse que esse eu não posso doar. Eu era moleque de rua...

**Daniel** - Onde você morava?

**José Louzeiro** - Morava na rua Camboa do Mato. Tinha uma turma e infernizava pelo subúrbio com a garotada. Mas estudava. Nesse tempo, as firmas, principalmente de farmácia, faziam uns folhetos que distribuía com as fases do ano e minha vó guardava para eu ler. E eu lia. Gostava muito de ler. Então quando conheci essa professora Maria Freitas, ela me estimulou, não sei por que, a ser um bom aluno. E eu fui. Na época estava começando a ser aprendiz de revisor e ela me dava aulas noturnas. Ai comecei a virar gente interessada em ler, aprender e ser alguém na vida. Alguém eu não sabia como. Foi ai que eu entrei para o jornal para ser aprendiz de revisor. Eu gostava muito de ler uma página literária que ele tinha aos domingos. Essa página literária era orientada pelo Sarney, que estava se formando como advogado. E ele sempre ia ver comigo as matérias, o linotipo, aquele calor brabo. E eu era um dos revisores desse material.

**Daniel** - Como foi a vinda para o Rio?

**José Louzeiro** - Cheguei ao Rio sem conhecer ninguém, pastei, passei fome, dormi pelas praças, até que comecei a me entrosar com o pessoal do jornal. Descobri um grande amigo, chamado Bolívar Costa, que trabalhava na Revista da Semana, que funcionava ali na Lapa, perto de onde é a Sala Cecília Meireles. Funcionava uma empresa chamada Editora Americana, de um cara inteiramente ignorante, que tinha um nome curioso, um paraibano zangadíssimo, mas rico, que tinha essa empresa, com várias revistas. A Revista da Semana, uma outra tipo livro, que tinha um nome vaidoso, chamado “Eu sei tudo” – na verdade a gente não sabia nada.

O nome dele era Gratuliano Brito. Tinha também o *Sporte Ilustrado*, dirigido por Levy Kleiman.

Eu ganhava um salário miserável que só dava para tomar leite na leiteria Bol e média com pão com manteiga. Mas o Bolívar era estudante de direito e tinha direito de morar na casa do estudante, na rua Santa Luzia. A casa não é mais do estudante, mas ainda está lá o prédio grande. E graças ao Bolívar Costa, eu pude ter onde dormir, porque o dinheiro que eu ganhava não dava para nada. E aconteceu um negócio interessante. Conheci um cara chamado Mário Hora, que trabalhava numa revista chamada *Vida Doméstica*. Tinha uma revista infantil, além da *Vida Doméstica*, e publicava uma revista chamada *Vida Infantil*, e ele me encomendava histórias. Comecei a escrever muitas histórias, para crianças, que saíam nessa revista. E cada história dessa ele me pagava quase o valor que eu ganhava no mês inteiro na *Revista da Semana*. Às vezes ele me pagava por história que eu ainda ia escrever. Nesse tempo, o Bolívar estudava a noite, ali no campo de Santana, e eu jantava na faculdade de direito. Ele me levava para comer lá escondido. E foi assim que eu fui abrindo meu caminho aqui no Rio de Janeiro como jornalista. O primeiro jornal que eu trabalhei aqui no Rio foi *A Luta Democrática*, do Tenório Cavalcante. Era uma figura de romance, usava uma capa, um personagem de gibi ao vivo. Muito bravo, não tinha medo de ninguém. E aí eu pude fazer algumas matérias como eu gostaria. Fui virando repórter de polícia mesmo. Depois eu fui então tendo vontade, lá pelo ano... depois dessa caminhada toda, eu me interessei em ter um pouco da minha atividade fora do caminho policial. Fui trabalhar numa revista, que pagava bem, chamada PN – *Publicidade e Negócios*. Uma revista que abriu caminho para as agências de publicidade americanas aqui no Brasil.

*Daniel* - Por que o senhor quis mudar?

*José Louzeiro* - Porque pagava bem. Eu ganhava lá umas três vezes o que ganhava na *Luta Democrática*. E não corria risco nenhum. Na *Luta* os bandidos invadiam o jornal. Quando não eram eles, eram os próprios policiais, ofendidos com alguma matéria. Era uma bagunça.

*Daniel* - O senhor chegou a sofrer alguma coisa?

*José Louzeiro* - Ameaças. Então fiquei um tempo na revista PN, de um cidadão chamado Manoel Maria de Vasconcelos, e Genival Rabelo. Eles tinham uma secretária chamada Terezinha Moreau, filha de um francês da Bahia. Veio da França para ser negociante na Bahia,

teve essa filha, que foi trabalhar nessa revista. Eu namorei com ela e depois casamos.

**Daniel** - Em que ano?

**José Louzeiro** - Foi 54, 55, por ai. Quando eu publiquei, se não me engano... Foi 54. E logo publiquei esse primeiro livro, paguei para publicar, “Depois da Luta”, de um editor chamado Simões. Simpático, mas doido por dinheiro. Na hora de divulgar o livro, não divulgou nada. Comecei assim, publicando esse livro. O título está errado. Devia ser “Antes da luta”, ou “Durante a luta”. O livro foi bem comentado pelos críticos. Um deles chamado Adonias Filho, muito bom, outro Assis Brasil, que me ajudou muito, e um pintor que pintou a capa do livro, fez ilustrações para o livro, que pintou a minha cara ali (um quadro retratando ele na parede ao lado da cama). O livro não teve sucesso de publico nem nada, porque a editora não queria nem saber, mas na crítica teve boa receptividade. Não publiquei logo outro porque não tinha condições.

**Daniel** - O que fez o senhor querer publicar o primeiro livro?

**José Louzeiro** - Eu não sei. Sinceramente não sei. Deu vontade de contar umas histórias. Ele é um pouco baseado na minha vida, no meu passado, realmente não sei porque eu publiquei. Mania de escrever. O livro foi mal distribuído, não estava em livraria nenhuma, mas eu não desisti. Me deu vontade de escrever outros livros. Sempre era baseado nas histórias que eu vivia. E era cada história. Sempre na base da criminalidade. Eu não entendia como que o cara – e até hoje não entendo – chega ao ponto de querer matar outro. Roubar tudo bem, o cara está morrendo de fome, eu já passei fome, sei o que é isso. Mas matar outro é um negócio que eu nunca consegui entender, e a minha literatura é toda em cima disso.

**Daniel** - Tentar entender?

**José Louzeiro** - Tentar entender. Por exemplo, como é que os caras ricos, cheios do dinheiro, carros do ano e etc, mataram a menina Aracelli? Ela foi violentamente devorada a dentadas, num festival de drogas, num prédio chamado Apolo. Esse prédio era para não acabar de construir mesmo. O sexto pavimento estava quase concluído, e o prédio não acabava mesmo porque era um centro onde os drogados ricos se reuniam e pintavam e bordavam. E, claro, não mataram apenas Aracelli. Antes – coisa que eu nunca consegui entender, porque a polícia não deixou –, eles mataram outras pessoas ali. Eu fui muito ajudado por um perito chamado Asdrúbal de Lima Cabral, que foi muito perseguido.



**Daniel** - O senhor trabalhou no Espírito Santo nessa época?

**José Louzeiro** - Não. Nesse tempo eu era da Última Hora e do Correio da Manhã.

**Daniel** - Tem uma passagem no livro que o senhor diz que o repórter Jorge Elias chega para cobrir o caso Aracelli pela Última Hora. Era ele mesmo ou era o senhor?

**José Louzeiro** - Fomos os dois. Eu fui também. Pedi uma licença na Última Hora e fui. Eu, Jorge Elias e Ednalva, com a qual eu já estava casado. Nessa altura a dona Terezinha já tinha se desquitado de mim, porque eu vivia numa vida inteiramente alucinada. Não há mulher que tolere isso. Não há mulher que pode viver casada com um repórter. Ela me desquitou e mais tarde eu me casaria com Ednalva, que me ajudou muito. Foi comigo. Ela me ajudou muito no Espírito Santo. Ela é autora do título do livro. Nós estávamos numa ribanceira, onde diziam que o cadáver estaria, e eu ia escorregando, ela me agarrou e disse “É Aracelli, meu amor”. Falando que Aracelli não estaria ali naquele lugar. Eu me lembrei disso para dar o título depois.

**Daniel** - Quando o senhor escrevia os livros, como conciliava com o trabalho de redação?

**José Louzeiro** - Ah, repórter não dorme, né? Hoje quando eu posso dormir aqui é uma delícia. Repórter não dorme. Trabalha em dois, três jornais. Bebe café que não acaba mais.

**Daniel** - Quando o senhor estava escrevendo os livros, isso nunca atrapalhou o trabalho na redação?

**José Louzeiro** - Não, não atrapalhava não. Pelo contrário, eu era considerado um bom repórter. E não sei porque eu gostava de escrever. As minhas matérias eram bem escritas, mas eu também nunca concorri a concurso nenhum. Até que um dia eu encontrei um bandido rico, que me apaixonou para escrever um belo livro, que depois fizemos um filme sobre ele, que foi o Lúcio Flávio. O Pai dele era o principal cabo eleitoral do Juscelino Kubitschek em Minas Gerais. Eleito presidente, o pai dele passou a ser alto funcionário do ministério de Ação e Obras, porque era grande desenhista. Repare que no noticiário do Lúcio Flávio, das peripécias dele, o pai nunca apareceu. O Lucio foi aonde eu explodi a minha carreira. Era um cara bonitão, bem educado, grande motorista. Ele nunca comprou uma calça com o dinheiro que roubou. Ele dividia tudo.

**Daniel** - No livro *Em Carne Viva*, o senhor baseou um pouco o personagem Leo no Lúcio?

**José Louzeiro** - Baseei. E muitos outros foram baseados nele também. Era uma figura incomum, dessa juventude transviada.

**Daniel** - Os momentos políticos por que passava quando o senhor escrevia os livros influenciaram a sua escrita? Na escolha dos temas também?

**José Louzeiro** - No lado negativo sim. Porque nenhum governo fez nada que preste nesse país, até porque o exército não deixa. O exército é uma cambada de malandros, com bons salários, que não fazem porra nenhuma.

**Daniel** - O trabalho de redação inspirava os seus livros?

**José Louzeiro** - Sempre, sempre. Eu fui sempre jornalista. Na redação e nos livros. É livro de jornalista. Quem é o cara que vai escrever uma loucura dessas [*livro sobre o Lúcio Flávio*]?

**Daniel** - O que o senhor acha que o fez passar das matérias para os livros?

**José Louzeiro** - Foi que eu sempre gostei de livro. Sempre fui um leitor apaixonado. Sempre estava lendo qualquer livro, e sempre soube que o jornal era transitório. Você escreve no jornal hoje e amanhã você não só não sabe onde que ele anda, como ele ainda corre o risco de acabar. Quando cheguei ao Rio, deviam ter uns 20 jornais. Hoje só tem O Globo. Tem o outro [*Extra*] que é O Globo também e o outro [*Expresso*] que é O Globo também.

**Daniel** - Quando o senhor estava nas redações do jornal, o senhor tinha liberdade para escrever?

**José Louzeiro** - Não. Sempre ali dentro dos conformes do jornal. A chamada linha dos jornais.

**Daniel** - Isso foi um fator que influenciou o senhor a escrever os livros?

**José Louzeiro** - Exatamente. Eu jamais escreveria um livro como Aracelli dentro do jornal. Sabe por quê? Um dos irmãos dos matadores era irmão de uma grande figura do Flamengo aqui no Rio de Janeiro. O Helal daqui do Flamengo era irmão dele lá. Família poderosa, dona do Espírito Santo. Os Helal eram donos da cidade e os Michelinis eram donos do campo. Eram grandes na plantação de café. Um canalha chamado Armando Falcão, que censurou o livro, recebia dinheiro dos Helal.

**Daniel** - Por quê?

**José Louzeiro** - Prêmios. Gostavam dele e davam prêmios para ele, viagens para a Europa...

**Daniel** - Como foi a cobertura na época?

**José Louzeiro** - Depois de mim, quem mais reclamou do escândalo da Aracelli foi a imprensa de São Paulo. No Rio de Janeiro não. A Folha de São Paulo mandou porrada mesmo, junto com o Estadão. Até hoje é lá que Aracelli é homenageada. Esse livro me deu muita dor de cabeça.

**Daniel** - Por quê?

**José Louzeiro** - Ameaças. Telefone tocando, aquela vozinha: “Sabemos onde você está...”. E eu respondia: “Foda-se”. No telefone de noite, de madrugada, geralmente no jornal. Na redação tem uns 50 telefones. O continuo falava: “Senhor Louzeiro, pro senhor”. Ai vinha: “Ah Malandro, vamos te pegar”. Esse tipo de coisa. Você vive sobressaltado. A vida do repórter de polícia é um sobressalto. Você não sabe se o policial é policial mesmo ou é bandido. Isso não é de hoje, vem de tempos. Eu não sei como não morri durante a pesquisa do livro, ou como não mataram a minha mulher, a Ednalva. Talvez como eu sou Jesus [*seu nome do meio*] fui poupado.

**Daniel** - E o senhor chegou a ter contato com a Zuzu Angel (representada no livro Em Carne Viva)?

**José Louzeiro** - Tive, tive. Ela era mãe de uma figura que seria um dos mais sofridos da história brasileira. Foi barbaramente torturado pelos bandidos da aeronáutica, com o cano de descarga na boa dele. Olha, eu tenho nojo desses milicos brasileiros. Eu não gosto de milico nenhum, mas esses aqui parecem pior que os outros. E eu não sei como que eu escapei. Acho que eu escapei porque eles não gostam de ler. Se eles gostassem de ler eu estava perdido.

**Daniel** - Depois disso tudo, o que o senhor acha que os livros representaram na sua vida e carreira?

**José Louzeiro** - Representaram que, na minha doidice, eu posso dizer o seguinte: Nem todo brasileiro, nem todo jornalista é imbecil. Eu me coloco na pequena turma daqueles que sabem pra que lado o vento sopra. Agora, ganhei o que com isso? Nada, você está vendo aqui, sou um cara pobre, não me queixo, estou muito bem. Eu tinha o dobro de livros do que tem aqui.

É que quando nós nos mudamos para cá, eu vim de um apartamento grande em Copacabana, então não coube e tivemos que doar metade. É sofrida a vida, mas eu costumo dizer que sou um doente saudável. Não tenho perna, não tenho nada, mas a cabeça funciona. Estou comemorando meus primeiros 80 anos.

*Daniel* - O senhor faz 81 esse ano, certo?

*José Louzeiro* - É, 81. E quero viver 181.

*Daniel* - Sobre a imprensa hoje, como o senhor vê?

*José Louzeiro* - Acabou. No Rio de Janeiro, acabou. O Globo não é imprensa, é um boletim a serviço dos americanos.

*Daniel* - O senhor acha que, para se informar, deve ser mais através dos livros?

*José Louzeiro* - Sempre através dos livros. Essa maquina ai (o computador), que tem de tudo, tem tanta coisa, que você fica disperso. O livro é o livro. Quando você está lendo, lhe obriga a refletir sobre boas ou más coisas. Tem livros ruins também. Mas a televisão é uma sarabanda, uma mixórdia, é uma porrada de coisas. Por exemplo, no programa do Faustão agora tem um concurso de cachorros. Então tem coisas boas e coisas da pior qualidade. Bundas. O negócio agora são bundas. Quem tem a maior bunda está premiado. Já eu que não tenho bunda, não tenho nada, nem perna...

*Daniel* - O senhor gosta muito de cinema também?

*José Louzeiro* - Adoro. Fazer cinema para mim é uma glória. Eu considero que certos livros meus, como Aracelli, são roteiros. Que é o negocio da reportagem. A objetividade. Você transforma a ficção, que na verdade é realidade, mas parece ficção, em realidade. Em matéria de maldade, eu não sei qual seria a nossa nota. Isso vem desde a escravidão.

*Daniel* - O senhor conviveu com o Sarney, o que achou dele?

*José Louzeiro* - Bom cara. Não é bom caráter, mas é bom cara. A página que eu fazia revisão, ele vinha, ficava lá, às vezes me ensinava alguns sinais. E ele é uma pessoa que tem uma qualidade, ele é humilde. Ele não é um débil mental, que nem o Collor. O Collor é débil mental. Eleito por quem? Pelo Globo.

*Daniel* - O senhor teve uma minissérie censurada sobre o Collor..

*José Louzeiro* - Tive. Na Manchete. Foi no dia em que ela ia ao ar.

*Daniel* - Por que foi censurada?

*José Louzeiro* - Ah, porque eles já imaginavam o que eu estava fazendo. Era um negócio para ridicularizá-lo.

*Daniel* - E a Rede Globo estava a história?

*José Louzeiro* - Estava, claro. Foi ela que elegeu o Collor. Porque ia ganhar a audiência deles, como a minha novela *Corpo Santo*, que eu fiz na Manchete, que ganhou até prêmio. De maneira que a Globo tinha medo. Eu fui da Globo duas vezes e saí. Da última vez que eu saí, tinha um ator [*Herval Rossano*], casado com a Nivea Maria, que batia nela em cena. Depois de chamar de vaca, não sei o quê. Ele ia lá e dava porrada nela. Eu dizia: “olha, na minha novela – que nós estávamos fazendo –, se você fizer isso, eu te mando pra puta que pariu e vou embora”. E ele fez. E eu fui embora. Felizmente, já morreu. Canalha. Bonitão, um metro e noventa. Batia nela. Imagina em casa o que ele não fazia com ela. Eu dizia: “minha filha, bota veneno na água que esse cara toma”. Dizia na frente dele: “mata esse cara. Eu te ajudo a escrever um livro”. Eu sempre fui muito real nas coisas que escrevi. Eu sempre usei a ficção como manifestação do real. Não nasci para fazer aquela ficção dos cavalos emplumados, a vaca que fala, não.

Eu queria encerrar a nossa entrevista dizendo o seguinte: primeiro, eu não quero morrer, vou morrer contra a vontade. E não irei para o céu. Eu tenho horror de céu. Acho que vou ficar vivo, porque sou da Academia Maranhense de Letras, eu sou imortal. Se tiver que morrer é sacanagem, né?